

1- Introdução:

O interesse pelo tema do Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia apresentado aqui, nasce já no quarto período da faculdade, na disciplina Sexualidade Humana, administrada pelo professor Alberto Escosteguy. O professor convidou para palestra na faculdade, João Nery, psicólogo, escritor e o primeiro homem trans a conseguir realizar cirurgia de redesignação no Brasil. Mais tarde, a participação no encontro da Escola do Campo Lacaniano no Mato Grosso do Sul propiciou o encontro com o trabalho de pesquisa desenvolvido pela Mestra em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Barbara Zenicola de Almeida, sob a orientação da Doutora Sonia Alberti sobre o mesmo tema. O recorte escolhido tem como foco sobre as relações afetivas ou o que pode ocasionar a falta delas na construção de laços na trajetória da pessoa trans em sociedade. O conhecimento sobre sentimentos e situações que marcam suas vidas e caracterizam sua subjetividade podem ser o ponto de partida para o respeito, a aceitação e a inclusão na sociedade de uma minoria que não exige nada além do que lhe é de direito.

A construção do texto objetivou uma primeira parte como apresentação teórica, uma segunda como representações do laço afetivo, uma terceira sobre os grandes problemas que enfrentam as pessoas trans, e ainda, uma quarta parte, que mostra as conquistas e os avanços em visibilidade e luta política. Livros, entrevistas, links e testemunhos precisaram ser deixados de lado na composição do trabalho por falta de tempo e espaço em curta monografia. É um momento de larga discussão nos mais variados espaços sobre o tema, o que parece ser promessa de mais avanços e maior possibilidade de pesquisa.

2 - Transgêneros, Transexualidade e Psicanálise.

2.1 Sexualidade e Heteronormatividade.

A sexualidade, na constituição do sujeito, é, sem dúvida, a mais marcante das variáveis. Sexo em seu sentido original correspondia à divisão dos seres: ou eram machos ou eram fêmeas. Palavra representativa dos estudos biomédicos, em princípio. Mas pode-se pensar em sexo como comportamento sexual ou social. Definiriam o sexo, além da genitália, da reprodução e dos comportamentos, as características genéticas e hormonais. Há estudos que apontam para núcleos do hipotálamo, diferentes no homem e na mulher, há as gônadas (testículos e ovários) e suas funções próprias. Enfim, a genitália, sabidamente, sozinha, não garante a diferenciação entre homens e mulheres. Além de tudo isso, há de se considerar os caracteres sexuais secundários. Na puberdade, os indivíduos irão apresentar-se em sua singularidade. Não há como separar o sexo biológico de seus outros componentes. Não há como ditar comportamentos ou orientação sexual a partir da presença de um pênis ou de uma vagina.

Ao nascer, o bebê, examinado a partir de sua genitália, é designado de sexo masculino ou de sexo feminino. O doutor Ricardo Duranti em seu compêndio *“Diversidad Sexual: Conceptos para pensar y trabajar en salud”* publicado na Argentina e distribuído gratuitamente durante a Segunda Conferência sobre Psicologia LGBT e Áreas afins, (2nd International Conference on LGBT Psychology and Related Fields) no Rio de Janeiro, em 2017 e disponível também on line), questiona: “Si esta categorización de lxs recién nacidxs se refiera realmente al sexo, debería ser hecha en términos de macho o hembra.” Feminino e masculino atribuem sentido que ultrapassa claramente as características biológicas e têm peso psicológico importante, que podem causar danos ao desenvolvimento da criança que não esteja em conformidade com o que lhe foi pré-dito. Os parâmetros culturais atravessam a educação das crianças arbitrariamente, com base, apenas, na diferença entre as partes visíveis do que elas têm entre as pernas. Cores, brinquedos, roupas preferidas, gestos, preferências, atividades a serem desenvolvidas, tudo é ditado pela presença ou não do pênis.

Na tentativa de sobreviver a tal ditadura, as palavras também devem colaborar e socorrer palestrantes e ativistas. Por isso “lxs” invés de “lós”, “nascidxs”, etc. Quando discursam, LGBTIs costumam falar assim também, evitando “o” e “a”. Com maior ou menor sucesso,

procuram respeitar todos aqueles que se enxergam fora do assim chamado “modelo heterossexista”. Termos como heteronormatividade e falocentrismo acaloram os debates em defesa da subjetividade e contra a pura e simples aceitação do que se passa a considerar como imposição. O feminismo se propõe a resgatar mulheres do peso de “ser mulher”, substituindo-o pelo “tornar-se mulher”.

2.2 O gênero é uma construção.

Entre as controvérsias sobre a frase de Simone de Beauvoir, feministas e não feministas questionam-se: podemos falar de uma categoria de mulheres? Há um discurso capaz de representar as mulheres globalmente e de representá-las politicamente? “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. ” - propõe Judith Butler em *Problemas de Gênero* (BUTLER, 2015, p.18). A autora revisita uma pluralidade de pensadores tentando mostrar, que as estruturas de poder que reprimem, são exatamente as mesmas que “permitem” alguma emancipação e legitimam a exclusão. O sujeito “mulher”, enquanto “presumido”, não poderá ser tomado como uma representação de uma “categoria”. Butler reconhece em “tornar-se mulher” algo de um devir, um processo, “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2015, p. 69). Define ainda corpo como “um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas”. (BUTLER, 2015, p.70).

A política, as famílias, as religiões, a economia, todos os grupos historicamente construídos que cobram do sujeito respostas relativas ao “investimento” nele feito, não hesitam em incluir, no pacote das cobranças, exigências sobre com quem ele se deita, se poderá ter filhos ou não, se poderá adotar, se separar, casar-se novamente. É o que é feito a partir do sexo atribuído a ele ao nascer.

O gênero, diferentemente do sexo, engloba sentimentos, pensamentos, fantasias. É o gênero e não o sexo que norteia a identidade e a orientação sexual. Quando a criança começa a reconhecer diferenças anatômicas, sua identidade de gênero já se desenvolveu, defendia Robert Stoller em seu livro *Sex and Gender*, que é de 1964. Citado no compêndio pelo doutor Duranti,

o psicanalista americano acreditava que a certeza íntima sobre o gênero se estabeleceria entre os dois e três anos de idade.

Butler, questionando também tais conceitos, afirma ainda que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. ” (BUTLER, 2015, p.21). Assim, política e cultura não se separam das noções de gênero. Ao mesmo tempo, “se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? ” (BUTLER, 2015, p. 28). Se fosse assim, também o sexo poderia ser pensado como construído? E não estariam as leis e as proibições ligadas tanto ao gênero quanto ao sexo biológico cerceando o desejo e permitindo apenas algumas práticas sexuais?

A *Lei do Gênero* de Laure Murat, uma história cultural do “terceiro sexo”, publicado em 2006 pela Librairie Arthème Fayard, apresenta um trabalho de pesquisa sobre o terceiro sexo como “um espaço viável entre estas duas categorias: o homem e a mulher”. Seria possível esse espaço? Tomando-se como ponto de partida a ideia de construção de conceitos, de caracterização, cita-se Michel Foucault em *La Volonté de savoir* da primeira parte de História da Sexualidade:

Não se deve esquecer que a categoria psicológica, a psiquiatria da homossexualidade se constituiu a partir do dia que a caracterizamos e por determinadas qualidades da sensibilidade sexual, uma determinada maneira de interverter em si mesmo o masculino e o feminino. (FOUCAULT, 1976, p.42)

A história do terceiro sexo começa, como nos diz Murat (2016), na rua, nas relações sexuais fora de casa, nos romances, nos registros policiais e médicos. Tudo é documentado e contado por terceiros. As memórias em primeira pessoa são raríssimas. “Le “troisième sexe” sera toujours l’autre, (...) l’homme “féminin” et la femme masculine, quelle que soit leur sexualité, (...) provoquant plus souvent le malaise que l’enthousiasme”. (MURAT, 2016, p.25).

A expressão “o terceiro sexo” remonta a Platão e seu uso foi retomado no romantismo pelos escritores que desejavam compor seus personagens. Karl Heinrich Ulrichs (1825-1894) escreve sobre sua preferência por homens e a ela atribui caráter inato. Fala de “une âme de femme dans uns corps d’homme” e o desejo pelos homens não pode ser condenado. “Nous sommes une espèce sexuelle à part, sommes similaires aux hermaphrodites (...) mais nous

sommes indépendants du sexe masculin ou féminin pleinement separees de deux. ” (MURAT, 2016, p.123).

Se o tratamento é moral, a necessidade da confissão é vital. Ocupa um lugar central para a “cura”. Um doente que não reconhece seu desvio, que se recusa a admitir a morbidade de seu estado, cairá na categoria dos “incuráveis” ou dos que não “se submetem”, ironiza.

Rhétorique de l’aveu

Au coeur Du traitement moral élaboré par les psychiatres, l’aveu occupe une place centrale. Il est La condition préalable à toute guérison, l’étape exigée par le médecin afin de mener à bien as cure morale. Un malade qui ne reconnaît pas as déviance, qui refuse d’amettre la morbidité de son état versera plus rapidement dans la catégorie des “incurables” ou parmi ceux que l’on nomme encore, dans les registres médicaux, les “insoumis-es” –comme l’on dit dans la police des prostituées qui refusent de se faire enregistrer. (MURAT 2016, p.151).

O termo terceiro sexo acaba, por sua elasticidade, envolvendo, assim como o termo “inversão sexual”, homossexuais, travestis, identidade e orientação. Com o uso progressivo da palavra homossexual , as diferenças entre sexo e gênero ganharam força. Um homem pode gostar de se vestir de mulher e vice-versa. Homens e mulheres podem ter atração por pessoas do mesmo sexo sem que haja, necessariamente, o desejo de inversão de papéis. Aos poucos, a ideia de um terceiro sexo, vai sendo reformulada. Com os movimentos feministas na busca pela igualdade de direitos, pensa-se em um sexo intermediário como aquele homem ou mulher, capaz de promover a diminuição de tal desigualdade.

Em 1919, Hirschfeld funda em Berlim, o Instituto para a Ciência Sexual. Ele irá falar de sexo intermediário ou transitório, englobando hermafroditas, andróginos, homossexuais e travestis, insistindo sobre suas diferenças. Objeto de estudos científicos, o terceiro sexo é documentado. Para tentar explicá-lo, Hirschfeld escuta vasta clientela.

Ulrichs reivindicava uma outra natureza. Tornou-se famoso na Alemanha lutando pela descriminalização do terceiro sexo. Schopenhauer em *Le Monde comme représentation et comme volonté*, cita Murat, observa a contradição e abre espaço para mais discussão: “Comment une tendance “contre nature” peut-elle proceder de cette nature même”? (MURAT,

2016, p.127). Na psiquiatria, descrita como doença de instinto sexual e classificada como perversão grave, o terceiro sexo de Ulrichs também é barrado.

É ainda sobre o homossexual que Foucault fala como o personagem do século XIX. Personagem com “un passé, une histoire et une enfance, un caractere, une forme de vie: une morphologie aussi, avec une anatomie indiscrete et peut-être une physiologie mystérieuse” (FOUCAULT, 1976, p.50). Agora, no século XXI, o debate encontra-se em torno de um novo “mistério” a ser analisado e classificado: a pessoa trans. Chamá-la assim, por si só, poderia já caracterizar um estranhamento, um preconceito. Pensar uma pessoa como uma “alma feminina em corpo de homem” ou ao contrário, uma “alma masculina em corpo de mulher” não reforçaria os estereótipos? E, como que para complementarem-se, o novo ser, agora feminino, deveria buscar o outro “viril” e, o novo ser, agora masculino, se sentiria atraído por uma alma, necessariamente feminina? “Rien de ce qu’il est au total”, continua Foucault, “n’échappe à sa sexualité. Partout en lui elle est présente: sous-jacente à toutes ses conduites, parce qu’elle en est le principe insidieux et indéfiniment actif”. (FOUCAULT, 1976, p.50)

É do homossexual que ele fala, mas também na pessoa trans, já que a sexualidade é marcante e subjaz em seus comportamentos, como “un secret qui se trahit toujours (...) comme une nature singulière”. (FOUCAULT, 1976, p.50).

Uma natureza singular que se percebe a partir do olhar do Outro e que não consegue aceitar aquilo que recebe como definição para si mesma. Uma natureza singular que não entende o porquê de ser castigada por desejar uma fissura no lugar do membro, ou um membro no lugar do clitóris. Uma natureza singular que se desespera ao ver crescer os seios ou ao ver aumenta o pênis, enquanto desejaria justamente o contrário. Uma natureza tão singular, que pode ainda, aceitar seu corpo como é, mas desejar viver a vida assumindo o gênero com o qual se identifica.

E ainda Foucault, em entrevista a James O’Higgins que compõe o volume *Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo e Outros Textos*: “O que muitas pessoas são incapazes de tolerar é a possibilidade de que os gays sejam capazes de criar tipos de relações não previstas até agora”. (Foucault, 1982 p. 40). Teriam as pessoas medo de possíveis formas de vida, diferente das que já conhecem?

Hirschfeld, sobre os trans que com ele iam se consultar, já dizia que a angústia que os acometia podia ser de muito diminuída pela simples troca dos pronomes usados em referimento

a eles, e pela permissão para que usassem a roupa que preferissem. O tempo voa, mas as mentalidades engatinham. Um século já se passou e quanto desentendimento e desrespeito a essas duas simples medidas, que podem ser colocadas em prática por todos, aparecem ainda como obstáculos para a vida de pessoas trans em sociedade.

Do Dicionário Médico (MANUILA E NICOULIN, 1994) vem a definição do que ainda hoje é chamado de transexualismo, termo considerado errôneo pela comunidade trans, mas cuja definição aqui, parece se aproximar do que acontece realmente: “Constituição psicológica particular, muito confundida com travestismo e homossexualidade, caracterizada pelo sentimento de desejo de pertencer ao sexo oposto ao seu e pelo desejo intenso, muitas vezes obsessivo, de mudar de sexo” .(MANUILA, 1994) Como se pode sentir na definição, não se trata de querer “se encaixar”, mas de atender ao desejo de pertencimento.

Lê-se ainda que o tratamento psiquiátrico é geralmente ineficaz e que a cirurgia pode trazer resultados satisfatórios para operações que visam a modificação, dentro do possível, de órgãos sexuais e da morfologia do sujeito, que assim pode viver a vida conforme sua constituição psicológica.

Nomear como loucura (psicose) o fato de alguém desejar *transformar* seu corpo é uma tentativa de desvinculação do problema e uma confissão também se torna vital: “Sim, sou portador de Disforia de Gênero. Sou louco. Permitam que me cortem! ” O paciente legitima assim o Outro que irá permitir que se transforme. O contrato está assinado. Caso contrário, não haverá “cura”. Driblados frequentemente nas consultas, entrevistas e sessões de terapia, os profissionais apresentam seus testes e formulários necessários, que serão respondidos como os pacientes sabem que devem ser. Uma mulher trans em processo de redesignação na fila do SUS esperando por uma cirurgia, sabe que o que deve dizer sobre sua identidade, desejo, orientação. Não confessará atração por outra mulher, por exemplo. Terá que ter consciência de possuir um problema, terá que reconhecer sua doença. Melhor ser considerado louco e poder realizar a cirurgia, pensam muitos deles (delas).

“Les transsexuels ne changent pas de sexe au sens véritable du terme; on ne devient pas ce qu’on est déjà”! (HOTIMSKY cita BARRIÈRE, 1997, p.13). Na contramão de Simone Bouvoir, Elodie Barrière em *L’Inversion du Sujet* (BARRIÈRE, 1986) faz pensar na importância maior de uma alma masculina ou feminina que já está lá, em um corpo discordante. O papel do psiquiatra deveria ser o de definir se há delírio, se há sinal de perturbação. Hipóteses

psiquiátricas sobre o que é a transexualidade não se confirmam com as teorias biológicas, hormonais ou genéticas até agora.

O doutor Michel Shouman, urologista e cirurgião plástico e especialista em operações do pênis, faz notar em entrevista a Stéphanie Heuze que reúne uma série de práticas corpóreas no livro *Changer Le corps?* a lei que na França permite modificar corpos por razões médicas. Portanto, há intervenções que não são proibidas, mas que não são autorizadas, o que complica tudo. No caso dos transgêneros são necessários dois anos, como no Brasil, de acompanhamento psiquiátrico antes de uma intervenção. Mesmo assim, a operação não garante que o sexo final seja reconhecido nos tribunais. É necessário ter um advogado especializado para ajudar nos trâmites legais. O doutor Shouman foi o primeiro a realizar operações em pessoas trans em seu país. Ele pergunta: “Por que impedir intervenções no pênis se elas não prejudicam as funções naturais sexuais e de micção?” (HEUZE, 2000, p.85). As técnicas de hoje, acrescenta, não são mutiladoras: nenhum órgão vital é tocado. No plano ético, a intervenção é cosmética, estética e não terapêutica. Ele acredita que a prótese peniana, porém, colocada no lugar do corpo erétil, essa sim, possa representar uma mutilação, já que o paciente corre o risco de nunca mais ter uma ereção. Acompanhamentos psicológicos, psiquiátricos e medicamentosos não conseguem demover alguns pacientes do desejo de serem operados. São eles que chegam às mãos do doutor para tentar realizarem seus sonhos.

Os homossexuais, através dos tempos, carregam o fantasma do ter que ser ativo ou ter que ser passivo, que assombra ainda homens e mulheres e impede que se realizem sexualmente. “L’un donne, l’autre reçoit, telle est la base intouchable de “l’amour naturel” et de la “generation”. (MURAT, 2016, p.64). Um controla, o outro se submete. O perigo do terceiro sexo seria a subversão da ordem.

Passivos ou ativos, machos ou fêmeas, masculino ou feminino: o ser humano não se reduz a isso. Dualismos e proibições, simplesmente, não funcionam. Também a ciência cede e providencia as transformações dos corpos. O desejo deseja derrubar leis patriarcais e demover teorias seculares.

Judith Butler (2015) em Problemas de Gênero, visita Lacan e o contesta quando afirma que “Lacan sugere claramente que o poder é exercido por essa posição feminina de não ter, e que o sujeito masculino que “tem” o Falo, precisa que esse Outro o confirme e

consequentemente, seja o Falo em seu sentido “ampliado”. “Ser o falo” seria “ser para o sujeito masculino”, que busca reconfirmar e aumentar sua identidade...” (BUTLER, 2015, p.88).

Há quem resuma toda a problemática tentando explicar que temos sim, características parecidas, por isso somos homens e mulheres e quem se autodetermina uma outra coisa, há necessidade de ser diferente do identificar-se. Procurará então um grupo próprio com o qual se identifique. Mais que isso, procurará realizar o desejo de pertencimento. Parcialmente observável nas falas de pessoas trans que afirmam que “começaram a se entender”, quando viram um personagem de um filme ou telenovela, quando entraram em contato com um livro, artigo, site que tratasse do problema, observa-se assim a união em torno de um desejo e objetivo comuns que dá espaço à luta política por direitos de uma minoria.

Discursos médicos, discursos de polícia, discursos literários foram construindo, aos poucos, conceitos sobre uma variedade de sujeitos. A imprecisão é inevitável e o sujeito, único. E como único, merece ser respeitado. Comportamentos e identidades se confundem já que sexo e gênero parecem ser conceitos inseparáveis. Sexos iguais se atraem. Homens se transvestem. Mulheres almejam a “virilidade”. Sobre *disforia de gênero* discursam os psiquiatras que nos apresentam pessoas que nasceram com a genitália do sexo com o qual não se identificam. São homens com seios e vagina. São mulheres com pênis. Alguns almejam a transformação radical de seus corpos, outros não. Suas orientações sexuais irão variar segundo suas histórias e desejos. Se oprimidos, terão maiores dificuldades em seus relacionamentos, e, consequentemente, maior dificuldade terão também aqueles que com eles se relacionarem.

2.3 A psicanálise e a normatividade

Trans e cis e o inadequado do corpo ou um corpo inadequado? Todos os seres falantes podem relatar sentimentos de inadequação a seus corpos. Celulites, varizes, estrias, nariz grande demais, nádegas pouco volumosas, vaginas largas, pênis pequenos, barrigas protuberantes, cicatrizes resultantes de quedas, acidentes e cirurgias e outras tantas imperfeições, menores ou maiores, marcas que nomeiam uma determinada passagem pela vida ou uma história inteira de vida. Para diferentes indivíduos, diferentes significados: uma dessas marcas, independente de tamanho ou intensidade traumática, pode sim ser devastadora para uns e pequenas lembranças para outros. Enquanto que para alguns, um desses detalhes desagradáveis torna-se apenas parte da trajetória, para outros pode tornar-se um problema, o problema que fará com que todo o resto importe menos, o problema a ser resolvido para que se possa continuar indo em frente, ou seja, uma questão vital. Tanto que os riscos de cirurgias e recuperação, as necessidades de mudanças de hábitos após as intervenções, as dores da adaptação a um novo corpo, a possibilidade de terem que passar por outras cirurgias, tudo é enfrentado com receio, mas com coragem. Muitas vezes os riscos e dissabores são minimizados ou completamente ignorados. Sabe-se que os indivíduos, como grupos em sociedade, são forçados ao consumo e à manutenção de um padrão ditador de formas, fórmulas e comportamentos. Sabe-se que há algo que, dos indivíduos, é esperado. Já que não ter “defeitos” é impossível, adequar-se ao que possa parecer “normal”, algo que simplesmente não existe, tem que ser a saída. Pelo menos a busca para ela.

Mais cabelos sobre as carecas e unhas postiças? Sim. É aceitável. Não há discussão sobre quantos gramas de silicone se deseja introduzir em uma mama, a menos que o material, ou porque exagerado na quantidade, ou porque pobre em qualidade, se rompa, provocando estragos perigosos. Aumentar ou diminuir o peito nas mulheres, nunca foi um problema. Vaginoplastia (estreitamento do canal vaginal) para maior prazer do parceiro ou faloplastia (cirurgia plástica para aumento do pênis), para que os parceiros se tornem possivelmente mais bem-sucedidos? Ninguém discute sobre isso.

O Brasil é o sétimo país do mundo em procedimentos de cirurgia plástica com registro de 219 procedimentos em 2014 (dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica).

Engana-se quem pensa que os homens que buscam tais cirurgias desejem um pênis grande. Querem um pênis médio, de até 12 centímetros, conscientes de que seus membros são

pequenos. Injeção de gordura para que engrossem também é comum. As operações, realizadas em grande número, e de alto custo (mais de \$30.000 reais) não escandalizam ninguém. Os quilos de silicone aplicados em peitos e nádegas e homens e mulheres cis também só causam furor positivo. Autoestima em aumento e confiança em um melhor desempenho sexual são os resultados alcançados pelas cirurgias bem-sucedidas.

“A psicanálise, ao prescindir da oposição entre o normal e o patológico, questiona a dicotomia entre trans e cis a partir da ideia de que a inadequação a um corpo sexuado é constitutiva de todos os seres falantes. ” Pedro Ambra assina texto na Revista de Estudos Indisciplinados em Gêneros e Sexualidades (v. I, n.5) e tenta dar conta da crítica à teoria psicanalítica. O Complexo de Édipo para Freud e o Nome-do-Pai para Lacan que delimitam o lugar do sujeito no mundo, conceitos que, quando entendidos a partir de leituras superficiais, ou talvez já carregadas de pressupostos na defesa de outras teorias, recebem uma variedade de ataques. As feministas não encontram nesses conceitos, a base para a emancipação de seu “ser mulher”. Os cientistas não localizam sintomas, não conseguindo o registro de dados, indispensável na comprovação de suas certezas matemáticas. Algumas correntes de estudo sobre o comportamento humano se desestruturariam, se devessem partir de tais conceitos para subsistirem.

A psicanálise é acusada então de ser heteronormativa. Se a teoria é freudiana, o filho, que deseja a mãe é castrado pelo pai. À filha, lhe é negado o pai como objeto de desejo e a ela, não resta que identificar-se com a mãe. Tanto o menino, como a menina, segundo sua maior ou menor identificação com o sexo do genitor oposto poderá apresentar comportamentos variáveis (explicação simplória sobre a homossexualidade). O sujeito lacaniano incompleto em sua essência, na saga da busca por satisfação e pelo objeto, para sempre perdido, se inscreve em uma Lei. Falta tudo a todos, mas à mulher, de novo no papel de coadjuvante, também em sua “falta”, responderia como o “ser o falo” do Outro.

Lançando mão de muitas aspas e alguma ironia, Butler propõe: “O menino e a menina que entram no drama edipiano com objetivos heterossexuais já foram submetidos a proibições que os “predispuseram” a direções sexuais distintas. ” (BUTLER, 2015, p.155). Questiona assim as predisposições negativas ou positivas que explicariam a hetero e a homossexualidade. Sobre Lacan, Butler ressalta que “a disjunção binária entre “ter” e “ser” o Falo” (p.120) e a identificação, excluída do binário (“como fixada na disjunção entre “ter” e “ser”) “assombra e perturba continuamente a postura coerente dos sujeitos”. Resume ainda que “o termo, assim

excluído, resulta em uma sexualidade excluída, que contesta as pretensões autorreferentes do sujeito, bem como suas afirmações de conhecer a fonte e o objeto de seu desejo. Butler reconhece que por muito tempo teorias feministas abraçaram tal pressuposto, mas conclui que tal discurso “reforça a estrutura binária heterossexista que cinzela os gêneros em masculino e feminino e impede uma descrição adequada dos tipos de convergência subversiva e imitativa que caracterizam as culturas gay e lésbica.” (p.121)

Pode-se pensar que, ao buscar entender a pessoa trans em suas identidades, sejam necessárias “outras leis”. Entretanto, revisitar conceitos psicanalíticos através de reflexões sobre o sexo voltadas para estudos sobre a homossexualidade, tem sido o caminho mais recorrente nas pesquisas. É o que faz Ambra em seu texto “*A Psicanálise é Cisnormativa*”? , lembrando que o nascimento dos próprios termos homo e heterossexualidade são de origem política. O termo “cisgênero”, em contraponto ao termo “transgênero”, cujos prefixos em latim se opõem (“cis”- do mesmo lado), conota dominação. A pessoa cis se identifica com o sexo que lhe foi atribuído ao nascer. A sociedade, de maioria cis, imporia a não cis, suas normas, marginalizando as pessoas trans e impossibilitando suas vivências e identificação.

Em psicanálise, “uma multiplicidade heterogênea de discursos” (Ambra cita Derrida; p. 105), há a possibilidade de pensar a pessoa trans sem enquadrá-las como psicóticas antes mesmo de ouvi-las. A análise do sujeito supõe sua escuta. Escuta cuidadosa e lenta. A análise deve ser construída, o máximo possível, fora de pré-conceitos e generalidades. Saber conhecido como subversivo, “psicanalisar” e “psicanalisar-se” atendem à ordem do desejo. O desejo não está sempre em conformidade com o corpo e com a identidade do corpo. A psicanálise é ainda o que acontece entre paciente e analista. Discursos impositivos não se sustentam. Precisa-se conhecer o sujeito do qual se fala, a fala do próprio sujeito. Não há, ou pelo menos, não deveria haver, condições para que imperassem, no set analítico, hetero, homo, cis ou trans normatividades.

Antonio Quinet e Marco Antonio Coutinho Jorge em *As Homossexualidades na Psicanálise* reúnem, em 2009, alguns textos que refletiam sobre a visão psicanalítica sobre a homossexualidade. Em *O Real e o Sexual: do inominável ao pré-conceito*, é Coutinho Jorge que, apoiando-se no significado da palavra sexo (“secare”, dividir, cortar, separar) e nas contribuições de Lacan, faz lembrar que o “sujeito do inconsciente não tem sexo” (Jorge, p.26). O sujeito é o sexo. O sujeito é a divisão, o corte, a separação. Para o sujeito barrado, não há que a falta a não ser preenchida. É a fantasia que vem socorrê-lo na relação sexual. Mas então, o

Outro sexo é sempre o Outro? E sendo assim, só se poderia falar de heterossexualidade? Coutinho cita Lacan: “Canalha é aquele que se toma pelo Outro. ” (JORGE, p. 27). Referia-se ele, às tentativas de patologização da homossexualidade. Reflexão útil para pensar também na despatologização de pessoas trans. De Freud, Coutinho Jorge toma emprestado o conselho da não criminalização de homossexualidade em os *Três Ensaio*s e as conferências introdutórias à Psicanálise, na qual Freud alerta sobre o Psicanalista como um observador e não um reformador, sobre sua posição substancialmente isenta e não um palpiteiro. Alerta sobre o dever de proporcionar ao paciente o deleite de seu próprio julgamento e de seu próprio padrão de moralidade, coincidam ou não com os padrões da sociedade vigente. (2009).

3- O LAÇO

Colette Soler publica em 2012 seu livro *O que faz laço?* Torna claro, em sua primeira lição, que para Freud, em suas primeiras obras a libido fazia laços. Mais tarde, explica Soler, Freud se deu conta das forças destrutivas dos laços. Em seu livro, Colette aborda a questão do laço no discurso civilizatório e o laço em questões relativas à psicanálise. Para falar de laço, fala imediatamente do desenlace ou de sua ameaça nas relações em sociedade, ocasionado, principalmente pela inconstância e não permanência nas relações hoje em dia, seja em família, seja no trabalho. Uma existência precária, um mal-estar aliviado possivelmente pela fala, parece fazer laço. Entretanto, questionando a ideia de laço social do discurso capitalista que encarna a dissolução do laço, Soler afirma que tal discurso multiplicou ao máximo as possibilidades de relações entre as pessoas. Há, segundo ela, paralela à precariedade das relações, uma multiplicação de possibilidades a serem experimentadas. Possibilidades essas que não fabricam o laço. A autora cita Lacan em “A terceira”: “a causa capitalista não solda os indivíduos entre si e deixa, cada um, reduzido a seu corpo, fora do laço.” Estar conectado não é fazer laço. Nem mesmo o amor “verdadeiro” garante o laço. Mas, se há traços de docilidade e de submissão no laço, e conseqüentemente, há, em contrapartida, um comando, há também a amizade, a solidariedade, a tolerância. Aliás, como diz o escritor José Saramago, a tolerância não basta. “Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente, ainda é pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade.” (Globo, 2003). Para além disso, na causa trans, não é nem mesmo de igualdade que se fala, mas de equidade.

É o desejo que funda o laço? Colette reflete: “Todo laço supõe provavelmente um desejo, mas nem todo desejo faz laço.” E continua: “O desejo, não é, de fato, nada além de um falso laço social.” A busca da felicidade pode trazer a infelicidade do laço. O verdadeiro laço não significa o laço feliz, até porque, mudam-se os desejos, mudam-se os fatos, mudam os sujeitos.

A despeito de qualquer desenlace, esse capítulo objetiva destacar o laço e a qualidade do laço afetivo e social e sua importância na trajetória trans de pessoas mencionadas aqui.

Apesar dos cenários desfavoráveis, quem vive o preconceito aponta o amor como resposta aos números alarmantes de violência homofóbica. Na visão de Júlio Pinheiro, coordenador da Parada LGBT de Brasília, a felicidade e o apoio podem contribuir para desconstruir todo um passado de violência: “O objetivo do preconceito é o mesmo objetivo daquele menino que te batia na escola quando você era criança. Ele não quer ou consegue te ver feliz.”- afirma. (Página Eu Trans, quero te mostrar quem sou).

Em grande momento de visibilidade, pessoas trans e familiares são convidados a programas televisivos populares como aquele da apresentadora Fátima Bernardes que vai ao ar pela manhã. Com os pais entrevistados que “transitam” ao lado de seus filhos, aprende-se que o errado é não escutar o filho, é colocá-lo para fora de casa, é abandoná-lo a própria sorte. Aprende-se que não há um acontecimento ou uma conversa “definitiva”. Não há um momento claro no qual se entende que uma pessoa é trans. É tudo questão de observação, escuta e acolhimento. Falar abertamente sobre o que se observa e respeitar o que se escuta é essencial. Um filho, uma filha, são o que são e não o que seus pais gostariam que fossem. Com sensibilidade, os responsáveis apontam para uma existência particular e ressaltam a urgência na busca de todos os seres humanos por respostas ligadas ao “quem somos”, ou seja, todos em “transição”, todos implicados nas exigências binárias, em cada escolha. Um pai faz lembrar: “Filho é filho. Filho não tem sexo.” Um outro cita a bandeira do movimento trans, na qual as cores rosa, azul e branco se misturam sem precisas divisões, simbolizando um processo difícil e interminável, como os enfrentamentos da vida.

O mesmo faz Eliane Berutti citando Herman Melville em *Billy Budd, Sailor*, usando sua metáfora sobre o arco-íris e arriscando-se em definir a mescla entre gays, lésbicas e pessoas trans, entre homens e mulheres, como a imagem que Melville usa para falar de sanidade e insanidade: “Quem pode traçar a linha do arco-íris em que o matiz do violeta acaba e o do laranja começa? Enxergamos a diferença das cores com distinção, mas, em que ponto preciso, a primeira se mescla com a segunda?” (BERUTTI, 2010, p.71).

Orgulhosos em suas diferenças, cada cor do arco-íris LGBTTIQ (Q está para “Queer”), separadamente, refutaria tal metáfora em suas lutas específicas, mas, sem dúvidas, pensar no símbolo das minorias sexuais desse modo, funciona como imagem de possível unificação, fusão e, ao mesmo tempo, como reconhecimento das diferenças sexuais entre os seres humanos.

Gays, Lésbicas, Transgenders é o título da obra de Eliane Borges Berutti. O livro fala dos caminhos da população LGBT na cultura norte-americana. Jordhan Lessa, em discurso ativista, alerta para a necessidade de foco na realidade brasileira. No entanto, pesquisas como a de Berutti parecem imprescindíveis para todos que se interessem pela causa. Seu texto *Transgenders: questionando gêneros*, cita Feinberg e sua publicação *Transgender Warriors*. Nela, Feinberg fala sobre “dar voz aos/às transgenders”. Também nessa pesquisa, a expressão “dar voz” tinha sido considerada positiva para representar o objetivo principal do trabalho. Tal escolha, ligada à interpretação de Berutti sobre o texto de Feinberg, pretendia-se como um conjunto imprescindível de escuta e de atitudes, “e não apenas teorizar sobre a questão sem considerar suas emoções, vivências...”.

Numa manhã, durante as pesquisas, no perfil de um homem trans em rede social, lia-se: “Ninguém me representa, ã (não) sou interditado ou incapaz para que me representem! ”. Lá estava a “dica” e não era absolutamente claro a quem fosse dirigida. Contudo, fazia refletir: Não seria pretensão de pesquisadores e simpatizantes das causas de minorias considerarem-se “representantes” ou capazes de “dar a voz” a elas? Não seria muito mais válida a conquista de espaços para que pudessem fazer ouvir sua própria voz?

Outro momento do projeto no qual o desejo era alto e não correspondia à possibilidade das ações, foi o da elaboração de um questionário. Algo que se pretendia bastante despretensioso, composto de apenas duas perguntas voltadas para indagar sobre o laço afetivo. O participante responderia privadamente e livremente, online no documento, ou por e-mail, sobre quem o apoiava em sua trajetória trans e o que (ou quem) representava o maior obstáculo. O questionário foi lançado em duas redes sociais. Amigos LGBT no Brasil e na Europa, o receberam in box e prometeram divulgação. Algumas pessoas que trabalham diretamente com a população em questão também foram envolvidas. Algumas pessoas trans, igualmente, prometeram responder. O questionário obteve o total de 0 respostas. A frustração não foi maior, porque a coleta de dados já durava mais de um ano e já havia sido experimentada a dificuldade de conquista de espaço na obtenção de experiências de troca mais próximas e significativas.

Uma resposta inbox da Islândia, de um homem trans que havia suspenso seu processo de redesignação por ter descoberto que esperava um bebê, foi a mais grata surpresa. Em maio de 2016, uma matéria no Independent falava de sua gestação. Henry Steinn estava para começar seu tratamento hormonal, quando descobriu sua gravidez. Procurado em rede social, Henry respondeu gentilmente e, ao ser informado sobre o alto número de assassinatos de pessoas

LGBT no Brasil, disse-se disposto a ajudar. O primeiro trans na Islândia a amamentar seu bebê apressou-se em corrigir a mensagem de apresentação, que falava de “research on transexuality”. “Transexual” seria, afirmou Henry, um termo desatualizado. “Transgender” deveria ser usado para que ninguém se ofendesse.

Laysa Machado, Beatriz Pagliarini Bagagli, Jordhan Lessa e João Nery também foram gentis e prestativos, respondendo a perguntas e oferecendo sugestões.

Como escolheu fazer Feinberg, a pesquisa tentou voltar-se para relatos e depoimentos encontrados, assim, apenas nas mídias, em biografias e até em um romance. *The Art of Being Normal*, de Lisa Williamson, é o resultado do trabalho da autora no serviço The Gender Identity Development, que atende jovens em suas especificidades em identidade de gênero. As histórias que Lisa escutou no centro em que trabalhou, a inspiraram na criação dos dois principais personagens de seu livro: David, designado menino ao nascer e que adora vestir-se de mulher e usar a maquiagem da mãe quando não há ninguém em casa, e Leo, que já vem transferido de uma outra escola, porque lá, descobriram que ao nascer, o designaram menina, mas ele nunca havia se sentido assim. Encontram-se os dois personagens na nova escola de Leo, gostam imediatamente um do outro, e só mais tarde revelam-se seus segredos. Texto extremamente sensível, relata, talvez como momento mais marcante, aquele em que a irmã de David, que está no banheiro, lhe pede, aos gritos, para que vá chamar a mãe deles. David sofre com a comemoração da chegada, por parte de toda a família, de um novo período na vida da irmã que marcaria seu ser mulher, marca que David tanto desejava para si, significativo perturbador que lhe marca a falta, a impossibilidade biológica de experimentar o que sua irmã Livvy experimenta: a cólica e a bolsa de água quente sugerida pela mãe, a comidinha especial que festeja a chegada da menstruação da irmã, o jeito carinhoso com que o pai diz que aquilo não quer dizer que possa já começar a trazer namorados para casa. “All I can think about is how I’ll never experience what Livvy’s experiencing tonight.” (WILLIAMSON, 2015, p.160) – é o pensamento que Williamson reserva a seu personagem David e que simboliza a frustração secreta e, para muitos, inimaginável, de uma adolescente trans que ainda não consegue apresentar-se assim para a sua própria família.

3.1 A Casa Nem

Um anúncio proposto a voluntários dispostos a participar do projeto de alfabetização para moradores da Casa Nem, o Alfabetiza Nem, proporcionou a experiência direta com a casa. Liderado por Indianara Siqueira, o lar, aberto, principalmente à população de pessoas trans, abriga pessoas LGBT em situação de rua ou em risco de exclusão e está engajado em vários outros projetos. Aliás, para manter-se na casa, é necessário participar deles. Há o Prepara Nem, conjunto de cursos que preparam para o Vestibular, os grupos de ativismo, cursos de costura, de fotografia e de projeção de filmes e documentários. O grupo de defesa pessoal Piranhas Team, no qual pessoas trans aprendem artes marciais, também é notícia. A casa tem divisão de tarefas e regras a serem respeitadas. Algumas Nens, como são carinhosamente chamadas, reconhecem na casa, uma oportunidade única, um lugar seguro e de pertencimento, mesmo que temporário.

A Casa Nem se encontra no bairro da Lapa e apreciaria maior contribuição por parte da sociedade. Doações de gêneros alimentícios e de higiene pessoal, móveis, roupas, são sempre bem-vindas. O prédio é muito antigo e sem reformas. Os quartos ficam no andar superior. No térreo há um enorme salão no qual se realizam as festas de fim de semana e, ultimamente, também as aulas do Prepara Nem e do Alfabetiza Nem.

As dificuldades no processo de ensino-aprendizagem não são poucas, mas já são várias as pessoas que passaram pela casa e que, com o apoio recebido ali, conseguiram tirar seus documentos, encontrar trabalho e conseguir uma vaga em faculdade.

À Indianara, às vezes, lhe falta força. Ameaças de despejo, contas em atraso, violência e ingratidão aparecem nos textos que joga em uma rede social como desabafo. Logo em seguida, ela se refaz. No último dia das mães, após passar noites em claro com uma Nem internada e com outra em óbito, regressara a Casa Nem para passar o Dia das Mães com suas “filhas”. Lembrou-se, então, que o gás havia sido cortado. Foi até uma loja e comprou duas painéis elétricas, possibilitando assim, o almoço em família. Quem segue seus relatos, se emociona. Às mães que abriram mão de seus filhos/filhas, que não os aceitaram como são, Indianara não deixa de mandar recado: “Vocês perderam. Sim mães, vocês perderam o beijo, o abraço, o amor de filhas que hoje nós cuidamos. Eu tive o abraço, carinho e beijos que eram destinados a vocês

mães, minha mãe. Tive o que vocês recusaram: O amor de seus filhos”. Ao texto que lança em rede no dia 15 de maio de 2017, a autora dá o título *Sobre Dia das Mães: Entre Morte e Amores*.

De fato, com o abandono da família, à mãe e ao pai será impossível consolar e serem consolados nos momentos de dor, assim como lhes será impossível comemorar os de alegria com seus filhos. Durante as transformações dolorosas do corpo, não estarão lá para dividir medos e incômodos. Não poderão opinar quando da escolha de aplicações de hormônio, sobre as injeções de silicone realizadas por *bombadeiras* em quantidades perigosas, não poderão amparar nos vômitos e contorções e nem mesmo poderão participar da escolha do nome social! Quem dará aos filhos trans escoraçados de casa, o único colo que consola a dor de uma injustiça, de uma violência transfóbica, da **sensação** de fracasso diante de um não para o pedido de participação a um curso, para um pedido de emprego, para uma proposta de relacionamento afetivo?

3.2 O Laço Possível

Antes de sua cirurgia, João Nery narra no terceiro capítulo de Viagem Solitária (Nery, 2011, p.181): “Agoniado por ver a dor” (a dor da mãe) e sem conseguir que me entendesse, pela primeira vez, em quase 30 anos, deitei no seu colo. (...) Alisava minha cabeça enquanto minha garganta e minhas narinas se enchiam de angústia”. Mas João teve mais sorte. “A família”, conta ele no parágrafo seguinte, “diante do consumado, não vê outra saída senão admitir minha nova imagem. ” Ele escrevia cartas para mãe assinando João e o tratamento “minha filha” foi escasseando. (NERY, 2011, p.204).

Quem não pode contar com a família e encontra lugares como a Casa Nem no Rio de Janeiro e outros três centros de acolhimento em São Paulo, renova as esperanças. Há até mesmo uma associação religiosa, a Unitarium Universaliste Association, no Brasil, Associação Unitarista Brasileira, que acolhe a comunidade LGBT.

Publicado em 2014, o livro *Eu Trans, A Alça da Bolsa*, metáfora relacionada ao peso do preconceito que carrega e carregou, e ao peso de uma vida de injustiças, conta a trajetória de Jordhan Lessa. Hoje com cinquenta anos, é funcionário público. Conseguiu estudar e luta pelos direitos LGBT. Ele foi adotado, foi expulso de casa, foi internado em manicômio, e até para um reformatório (FEBEM) foi enviado. A mãe adotiva combateu de todas as maneiras

possíveis, sua preferência por meninas. Porque não enlouquece, Jordhan Lessa se fortalece. Engravidado em um estupro, dá à luz um bebê e o amamenta. Logo o perderá para a mãe que, novamente, convidará o filho a sair de casa, já que não aceita que ele se relacione com mulheres.

Logo em seu prefácio, o autor evidencia a extrema dificuldade do laço:

“O livro tem o firme propósito de relatar vida de alguém que, até os 46 anos de idade, não se sentia enquadrado - não que isso seja assim tão necessário - em nenhuma família, nenhuma tribo, em nenhum grupo. Enfim, sempre foi só e se tornou ímpar...” (LESSA, 2014, p.1)

Jordhan tem versões não completamente comprovadas sobre sua origem. A mulher que o teria salvado do abandono, que o acolheu como filho, que lhe deu uma família adotiva, o teria acolhido quando ele pesava apenas um quilo e meio. Ele um dos bebês de uma gravidez gemelar. “Ao que parece, dei muito trabalho para sobreviver e minha mãe adotiva foi minha “salvadora”.

Adotar deveria ser aceitar e conceder direitos. A ironia sobre aquela que o salva do abandono para voltar a abandoná-lo outras vezes, torna-se ainda mais amarga, quando relata que, já com vinte e oito anos, conhece a segunda versão. Ele seria filho do pai da mãe adotiva que, tendo engravidado fora do matrimônio, convenceu a filha a adotar o bebê. Sua mãe de criação, aquela que o teria salvado do abandono das ruas, seria sua irmã! Lessa diz acreditar mais nessa segunda versão, já que há semelhanças físicas entre ele e os membros da família. Sua mãe (irmã) nunca aceitou conversar com ele a respeito, para não “manchar a memória de seu pai”. Hoje, Jordhan diz não querer mais saber qual das versões é a verdadeira, mas reconhece as dificuldades da falta de referências consistentes sobre seu passado para “pautar o futuro e entender o presente”. (LESSA, 2014, p.10)

Em Marraio no.0, Marc Strauss através da tradução de Vera Pollo da língua francesa, traz à luz diferentes pontos de vista da criança quando há dificuldades no relacionamento com seus pais. Ele constata que “os pais não dão à criança aquilo que ela considera ser um direito seu receber deles”. (STRAUSS, 2000, p.11). Strauss deixa claro que seja qual for a afeição dedicada à criança, ela, insatisfeita, pode não se sentir amada, e tentar explicar o não amor, imaginando ser adotada. Adotado ou não, Jordhan enfrentou dificuldades na formação de seus primeiríssimos laços.

Severa, a mãe (irmã) impunha rigorosa disciplina e limitava a circulação de outras crianças em casa. Ela o surrava com um chicote, quando, segundo Jordhan, ele “fazia ou não algo que merecesse ser repreendido. ” O marido da mãe/irmã torna-se figura importante, pois apesar de ter-se mostrado contrário à adoção, ele é carinhoso com o menino e consegue protegê-lo “das maldades dela”. (LESSA, 2014, p.14) Jordhan registra seu sentimento de culpa por tudo o que acontecia: o alcoolismo do pai, a crise no casamento, a ira da mãe. Além de tudo isso, não conseguia fazer amizades. Na escola, “os meninos não brincavam comigo, por acharem que eu era menina, e, as meninas também não brincavam por acharem que eu era menino”. Ele acrescenta: “Ou seja, eu era uma “coisa” diferente e não me encaixava de lado nenhum. ” (LESSA, 2014, p.18-19)

“Encaixar-se” no binarismo de gênero a qualquer custo é muito diferente de precisar mudar o próprio corpo para se sentir parte do mundo. Jordhan logo irá, a duras penas, descobrir isso também. Dúvidas e conflitos com as normas de gênero podem fazer com que o sujeito acredite ter um problema de encaixe, um problema localizado, um problema que é “culpa” sua. Sentir-se e, culpa sem poder ter acesso aos motivos para tal, motivos inconscientes, gera sofrimento. O mistério sobre sua origem dificulta o entendimento sobre sua própria existência. Como escreve Strauss em Separar-se de seus pais, artigo traduzido por Vera Pollo em Marraio 0, “Nossa existência necessita de uma justificação no nível do desejo”. (STRAUSS, 2000, p.20)

Um dos fatos mais curiosos e significativos narrado por Jordhan em seu livro é o furar das orelhas. Sua mãe, com tarraxa, éter e rolha de cortiça, -“Esse simples ato que também foi motivo de tortura”- tentara imprimir um significante, em cartilagem, já mais rígida, de modo doloroso - “perfurando a minha carne”- marcando-lhe o gênero. Quando chega ao colégio, escuta de um menino: “Por que você, sendo um menino, sua mãe te botou brincos”?

“Nos anos 1970, eu acreditava estar vivendo uma revolução sexual (...) estou convencida de que a grande revolução sexual reside na liberdade de gênero, na extinção dos papéis rígidos desempenhados pelos gêneros”. (BERUTTI, 2010, p.83). Uma revolução, afirma a autora, que nada mais é que a luta contra a opressão das categorias fixas e da imposição da vinculação entre sexo e gênero. A luta pelo direito humano básico de poder escolher seu sexo e expressar seu gênero.

A Revista Superinteressante tem reservado espaço a notícias e entrevistas que envolvem a população LGBT mostrando positividade, laços de solidariedade e relações de amor

e amizade. Conteúdo de máxima importância traz a entrevista realizada pela revista e gravada em vídeo, com Thaís de Azevedo. De família numerosa, hoje com quase oitenta anos, conta que viajou o mundo, feliz e livre. Leva a vida de maneira diferente, mas sem “tragédias”, as tragédias que, segundo ela, todos esperam no relato da vida de uma travesti.

Fala de uma infância alegre. Na puberdade estava sempre cercada de pessoas, tinha várias atividades, sua homossexualidade não foi discutida. Os meninos gostavam dela e a paqueravam. Comportava-se como uma menina e não tinha problemas. Imaginava que seus seios cresceriam. Deixou sua cidade em Minas Gerais, mas entende que a separação da família foi importante para que pudesse viver, viajar, conhecer outros países. Veio morar com uma tia no Rio de Janeiro, mas a tia era homofóbica e decidiu ir morar com um companheiro.

Nos anos 60 aceitou um emprego como faxineira em uma boutique. “Eu tinha um visual impactante”, diz, esbanjando autoestima. “Arrasou” como vendedora. Em São Paulo, alguém lançou uma marca de confecção e a convidou para trabalhar como manequim. Ela tinha 18 anos. A experiência foi deslumbrante, mas a remuneração parca. Só como vendedora conseguia se manter. “Causava muito reboliço no shopping Ibirapuera.”- diz orgulhosa. As mulheres, na grande maioria, de pele branca e pálida, a invejavam. Pele dourada, cabelos passados a ferro, Thaís chamava a atenção. Uma delas descobriu, no entanto, que ela era travesti. Um homem! E frequentava banheiro de mulher. Foi convidada a se retirar do emprego. Foi o contato com a realidade. Ela representava um personagem que, obviamente, não seria aceito. Positividade e maturidade são as palavras que insiste em usar para se referir a todas as experiências pelas quais passou, reafirmando que foram úteis e proporcionaram a aprendizagem necessária para ir em frente.

Quando fala de prostituição, fala das amigas que se prostituíram. Uma delas tinha ido para França e convidou Thaís para ir visitá-la. Diz que para ser profissional de sexo, a pessoa tem que ter uma série de qualidades: estrutura emocional forte e abnegação. As necessidades dos clientes, que podem ser bizarras, às vezes, e satisfeitas pela prostituta, são elementos que servem para que volte fortalecido para a família. A sociedade, no entanto, não é capaz de reconhecer tal serviço. Ela, Thaís, não tinha as qualidades necessárias para tornar-se profissional do sexo.

Exclusão na infância e uma série de outras complicações emocionais resultam em estágio infantil mais prolongado, afirma Thaís referindo-se a quem se prostitui. Os homens que

precisam de “escapes”, na maioria das vezes, são homens casados. São homossexuais, bissexuais que se casam e precisam dessas aventuras. Todos buscam aceitação em suas fragilidades.

“Não há elemento na sociedade a ser rejeitado” – afirma Thaís do alto de sua sabedoria, como se citasse Terêncio, o dramaturgo e poeta romano na famosa frase que lhe é atribuída: “Nada do que é humano me é estranho”.

“Aquilo que nos espanta, que dá asco, ” – continua, “é gerado por nós. Toda sorte de violência é gerada por nós. Por que gerar espinhos se a gente pode gerar flores? ” Thaís gera flores em seu trabalho no CRD (Centro de Referência da Diversidade), braço da ONG Grupo Pela Vidda na cidade de São Paulo, que tem parceria com a prefeitura. É um trabalho que começou como apoio a portadores de HIV. Hoje oferece diversos cursos e acompanhamentos, inclusive, cursos de língua, ajuda jurídica, acolhimento e orientações gerais. É um trabalho de inclusão social.

Ela que saiu de casa para “ir ver a vida”. Hoje ajuda na vida de outras pessoas trans. Ninguém “conserta” ninguém. Thaís insiste que as pessoas têm que ser amadas e respeitadas e ensina a olhar diferenças com naturalidade e a não ter medo da sexualidade. Homossexuais e pessoas trans fazem parte da história do mundo.

Famílias instáveis expulsam os filhos porque não os geraram para que fossem criaturas felizes, mas para que fizessem felizes os outros. Famílias infelizes porque têm um gay! Ser feliz é fácil. É só deixar o outro ser feliz, garante.

Mesmo sentindo-se bem consigo mesma, lhe desagradam perguntas sobre sua genitália, perguntas que nunca deixam de fazer por pura curiosidade. Há homens que precisam dela com um pênis, acrescenta. Não considera cirurgias de redesignação para ela. Thaís não quer muito: uma aposentadoria que seria mais que justa, e respeito da sociedade. Quer ser aceita como mulher, brasileira, cidadã.

O jornal The Denver Post, no dia 18/07/2015, publica artigo de Jennifer Brown que fala de Elsa. A família da menina, hoje, diz que é “truegender” e não “transgender”, já que está vivendo seu verdadeiro gênero, aquele com o qual se identifica há muito tempo. Aos três anos, jogou uma moedinha no chafariz e disse: “Queria ser uma menina”. Por anos seus pais tentaram

impor-lhe o gênero masculino. Eles a forçavam a cortar os cabelos e não permitiam que usasse roupas femininas fora de casa. Seria uma mentira vestir-se como uma menina. Elsa sentia-se mal. “Se tivesse tido que continuar vivendo daquela maneira”- diz a menina de apenas nove anos - “eu teria me matado. ” Ou ainda: “Gostaria de não existir”. Seus pais finalmente procuraram ajuda. O aconselhador explicou a Elsa que enquanto ela falava de como se sentia interiormente, os outros falavam sobre seu corpo. O conflito era interno e era Elsa que teria que saber quem fosse. Não há testes ou exames que comprovem se uma pessoa se sente homem ou mulher. Há somente a comprovação visual daquilo que ela tem entre as pernas. Não funcionam as tentativas de trazer a criança para o sexo que lhe foi designado ao nascer. Ao ser informada sobre o que é a puberdade e como seriam as transformações em seu corpo, Elsa disse à mãe: “Não ligo de passar pela puberdade masculina, se todos souberem que sou uma mulher”.

Oferecer espaço para que a criança explore sua identidade de gênero, ela se conhecerá melhor e mais rapidamente. Entre adolescentes, escreve Jenniffer, a maioria dos que expressam identidade trans, a expressarão sempre. Entre as crianças, de 15 a 30% tornar-se-ão trans.

O pai de Elsa lamenta o modo como se comportava com a filha. Era doloroso tentar impor brinquedos, roupas, corte de cabelo, enquanto que, na rua, ao ouvir de um passante “Que linda menina! ”- a fazia brilhar de alegria. Não era como ele queria se ver como pai, declara.

Na construção do desejo da própria criança, ela faz retorno ao desejo que está na origem de sua vinda ao mundo e à posição dos pais em relação a esse desejo. (Strauss, 2000).

3.3 Alguém vai me amar?

O doutor Walter Bockting, psiquiatra e participante da iniciativa LGBT Health na Universidade Columbia fala a Oscar Lopez em entrevista a Newsweek (13/09/2013) sobre tal pergunta, como uma questão recorrente em pessoas que estão em processo de redesignação. Por décadas, ele se dedicou a tentar entender pessoas trans como seres sociais vivendo relações de amor para aprender mais sobre o desenvolvimento da identidade e sobre a saúde delas. *Affirm* é o nome de seu projeto. Abuso de drogas, discriminação na família, vivência em situação de rua e casos de tentativa de suicídio são problemas frequentes. Há casais em que um ou os dois membros estão em processo de transição e não é raro que ambos se sintam apoiados justamente porque experimentam situações semelhantes. Há homens trans que enfrentam dificuldades com

parceiras heterossexuais, por não terem ainda priorizado o processo. É o caso de Feral citado na reportagem. Sua ex-namorada o deixa por considerar a relação que tinham como lésbica. “Foi um alívio.” – afirma. Foi a confirmação de que não poderia mais continuar se escondendo de si mesma. Começou, assim, os procedimentos necessários.

Os parceiros de alguém que está em redesignação, passam, também eles, por reflexões sobre suas próprias identidades sexuais.

Também para a família pode ser positivo ver seu ente querido em companhia. Uma das preocupações dos pais é justamente essa: alguém vai amar nosso filho (filha)? Vivendo uma relação de amor, mostrando-se realizada afetivamente, a pessoa trans passa a ser vista como alguém que buscou e encontrou o que procurava. Sua transição parece ser “validada” pelo outro. A família como um todo passa por mudanças.

Processo longo e complexo, sem o suporte da família, tornar-se-á muito mais difícil. Se amada, a pessoa consegue encarar melhor tantas dificuldades.

O vídeo *Moms for Transgender Equality*, no qual mães de crianças trans dão seus depoimentos é de 2015. Elas contam que bem cedo as crianças acusavam não ser o que suas mães achavam que fossem. Algumas das perguntas das crianças citadas foram traduzidas aqui: “Você sabe, mãe, você acha que sou um menino, mas você sabe que sou um menino aqui dentro, certo?” A criança tinha apenas quatro anos. “Por que você acha que deus me fez desse jeito? Acha que ele cometeu um erro?” Outra criança entre quatro e cinco anos. Algumas das falas das mães mostram a sensibilidade do vídeo na abordagem. Uma delas diz: “Fiquei preocupada quando vi como as pessoas reagem a isso.” Outras duas se emocionam ao dizer que se ouvem muitas histórias de violência e suicídio. Uma outra afirma: “Vou ajudar durante toda a sua jornada.” Falam de amor, de autoconfiança, de condição humana. Uma última diz que a criança trans veio para expandir a visão de mundo.

Na luta por equidade, mais e mais famílias se juntam para trabalhar por suas crianças e jovens trans. Muitos fazem parte, por exemplo, do HRC’s Parents for Transgender Equality Council nos Estados Unidos. No Brasil, há o Grupo Nacional Mães pela Diversidade. Preocupados com os retrocessos vergonhosos pelos quais o país atravessa, os responsáveis, que se apresentam como grupo laico e independente, abrem discussões sobre movimento político, luta contra injustiças e defesa de direitos e se unem para alcançar seus objetivos. Inês Silva, coordenadora regional do grupo, ressalta a importância da discussão sobre gênero e sexualidade

nas escolas, para que a diversidade seja respeitada. Declara ela à Agência Brasil quando do apoio do grupo à 15ª. Parada LGBT da Bahia em 2016: “A sociedade finge que essa população não existe. ” Inês se refere à retirada do Plano Anual de Educação as discussões sobre sexualidade e identidade de gênero. (11/09/2016). Érika Cintra, mãe do grupo Mães pela Diversidade cedeu para essa pesquisa por e-mail, sua entrevista à revista Dimensão Grupo Dignidade. Em seu testemunho, Érika declara que há um luto envolvido com a perda do que se imaginava viver, ou seja, pensava ter uma filha. Teve medo do que iria acontecer a seu filho. “Chorei de medo que ele sofresse, chorei de preocupação pela sua saúde e bem-estar, receio pelo seu futuro (...). Passados esses primeiros dias, vi, com o apoio do coletivo das Mães, que eu não estava sozinha. ”

Além do apoio da família, adolescentes trans precisam de cuidados psicológicos antes e durante e após a transição. Ajudá-los, escutá-los, amá-los é o que orientam os especialistas. Muitos sofrem de ansiedade e depressão. Podem sofrer bullying. Especialistas com experiência no tratamento de pessoas trans podem ser decisivos. Terapia de grupo para pais e adolescentes pode fazer com que todos se sintam menos sozinhos. A escola seria idealmente o lugar com a possibilidade de ajudar, educando seus alunos a respeitar as diferenças, mas infelizmente, é justamente ela que passa a ser o segundo grande obstáculo, forçando, muitas vezes o aluno trans a abandoná-la.

Alexia Salvador participou do Primeiro Congresso Internacional da ABRAFH (Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas) em junho de 2016 no Rio de Janeiro. Estavam presentes o marido e o primeiro filho adotado. Durante sua palestra, falou da papelada em andamento para a adoção de mais uma criança. Comprovar a segunda adoção do casal através do vídeo da GLOBOSAT Play, e mais, ver que a criança que lhe foi confiada é uma menina trans, acompanhar Alexia com o vídeo, no momento em que vai buscar a filha, na despedida da criança dos amiguinhos no lar e, na primeira audiência pós-adoção, proporciona sensações as mais positivas em relação à força e à grandiosidade de alguns seres humanos. Alexia, professora do interior da Bahia, enfrentou preconceitos, encontrou no amor um homem forte que a apoia, e lhes sobra amor suficiente para continuar na luta contra a exclusão, e ainda, lhes sobra amor para adotar duas crianças.

“Finalmente, para os pessimistas que pensam que a civilização corre o risco de ser engolida por clones, bárbaros bissexuais ou delinquentes da periferia, concebidos por pais desvairados e mães errantes, observamos que essas desordens não são novas - mesmo que se

manifestem de forma inédita - e sobretudo que não impedem que a família seja atualmente reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”. (ROUDINESCO, 2003, p.380).

4- Estranhamento, Violência, Crueldade

O Brasil arrasta o peso e a sombra de pertencer ao país que mais mata travestis e transexuais no planeta. A TGEU (Transgender Europe Ong) que se ocupa dos direitos da população trans afirma ainda que a média de idade da pessoa trans não ultrapassa os 35 anos. O número de denúncias e de casos de violência física, como se não fossem suficientemente nocivos os abusos psicológicos, as gracinhas e o deboche, a chacota, soma-se ao número dos defensores da moralidade hipócrita que parecem cada vez mais precisarem manifestar seu dissenso com passagem ao ato. Qualquer resultado estatístico esbarra ainda no número enorme de vítimas que desconhecem seus direitos e que não denunciam agressões e abusos ou ainda de grande parte delas que temem por suas vidas, já que seus agressores sabem onde encontrá-las.

Minha Primeira Transfobia foi uma iniciativa muito positiva, dessas que só a internet permite, ocorrida em janeiro desse ano em comemoração ao Dia Nacional da Visibilidade Trans (29). Pessoas trans relataram online, situações em que foram vítimas de preconceito.

Indianara Alves Siqueira que lidera a Casa Nem, casa de passagem que acolhe pessoas trans e que abriga vários projetos de apoio a elas, escreve sobre os horrores sofridos nas escolas. Hostilidade, chacota e agressões que fazem com que as vítimas optem por simplesmente deixar de frequentá-las, tamanha a dor que podem causar.

Numa outra mensagem/testemunho alguém diz que, ao ser flagrada usando uma calcinha, “apanhou até perder a consciência”.

Estranhamentos menos pesados, mas não menos dolorosos, vindo do próprio círculo de amizades, engrossam a lista de *Minha Primeira Transfobia*: “Seu nome é lindo. Vou continuar te chamando de X”. “Se não fez cirurgia, vou continuar te tratando no feminino. ” “Eu vou te passar uns textos pra você ler. ”

Caitlyn Jenner, de 67 anos, que é estrela de reality shows no Reino Unido, na saída de British LGBT AWARDS em Londres, na noite do dia 13 de maio, ouviu de um dos fotógrafos, provavelmente bastante excitado: “Oi, Bruce, tire fora seu pênis! ” A polícia foi envolvida no “incidente”, que comprova que nenhuma pessoa trans está livre de ataques transfóbicos, nem quando o lugar ou a situação lhes pareçam favoráveis. Caitlyn, que lançou há pouco uma coleção de sombras para a linha de maquiagem MAC, é frequentemente notícia no Daily Post,

ultimamente, devido a enfrentamentos com o presidente dos Estados Unidos Donald Trump, sobre o uso de banheiros públicos nas escolas.

Dodi Leal, de 32 anos, ia de Garulhos para Recife com a companhia aérea Aviaca, no ano passado. Identificou-se como Dodi Leal e fez check-in com sua carteira de identidade, ainda com seu nome civil. Foi convidada, em seguida, a retirar-se do avião para que fosse reembarcada “como homem”. Sobre decretos federais, acusa Dodi, a Avianca nada sabia. Dodi chamou a polícia. A experiência de Dodi, contada por Maurício Costa no *Catraca Livre*, em 29 de dezembro de 2016, permite imaginar o constrangimento pelo qual passam pessoas trans socorridas em acidentes por equipes de resgate, por pessoas trans quando necessitam ser internadas e insistem em colocá-las em enfermarias nas quais ficarão expostas a humilhações e violências, por pessoas que acompanham pessoas trans em seu leito de morte e nos preparativos de seus funerais. Dodi pode se permitir uma passagem aérea, uma viagem para dar prosseguimento a seu tratamento de transição. E principalmente, Dodi tem a desenvoltura e a informação necessárias, para exigir que seus direitos sejam respeitados. Pessoas trans de baixo poder aquisitivo, se a ignorância da população não for combatida, ficarão eternamente a mercê de profissionais sem tato para lidar com detalhes, para eles insignificantes, como um simples pronome, e que ferem assim, homens e mulheres trans em seus momentos mais íntimos e mais difíceis.

Notícias trágicas e ações perversas para com trans e travestis expostas nos meios de comunicação revelam, sobretudo, que os avanços na educação de crianças sobre as diferenças entre os indivíduos é que são lentos. A barbárie contra a população LGBT e a crueldade, principalmente contra mulheres trans, evidencia a carência absoluta de experiências escolares, que propiciem o convívio e o olhar respeitoso para com o outro. As humilhações a que é exposta, por pessoas que ignoram as mais simples regras da existência em comum, podem ser, no início, menos fortes. Seguem em geral num crescendo em violência e pode haver adesão por parte de outros agressores. Em grupos, sentem-se legitimados em sua ignorância e partem para a selvageria. A quem, ao contrário, não aceita os transtêneros, mas o faz em silêncio, é sempre oferecida, a partir da possibilidade da discussão sobre eles, que não é que uma discussão sobre a sociedade na qual eles estão inseridos, o benefício do conhecimento, única ferramenta capaz de propiciar a aproximação, afastar medo, proporcionar convívio de qualidade.

4.1- Higiene e Cárcere

Os manicômios, apesar da incansável luta dos profissionais da saúde para fechá-los de vez, impedindo que voltem a ser depósitos humanos daqueles que “não se encaixam”, e por tanto, que não produzem em sociedade capitalista, continuam a servir como recursos para trancafiar pessoas em condição de rua, entre elas, LGBTs. Vistas como profissionais do sexo apenas, confundidas com usuários de drogas ou portadores de doença mental, mulheres trans enfrentam clientes violentos, polícia violenta, famílias violentas.

O recente caso de Bruna que ocupou espaço nos jornais nesse mês de maio (G1, 20/05/2017) é exemplo de que, famílias despreparadas, não conseguem enfrentar problemas, seja de dependência química, que de identidade de gênero e, como saída, apelam por internações compulsórias, alegando problemas psiquiátricos. Levada pelos “Anjos da Vida”, uma empresa de “remoção especializada” (RG7, 18/05/2017), teve sua roupa feminina arrancada e foi obrigada a vestir roupas masculinas. Dopar, amarrar e varrer do campo de visão: o recurso mais usual, higienista e cruel usado na tentativa de descartar o que, simplesmente, se desconhece. Bruna, após a liberação da clínica na qual foi internada, preferiu ir para um abrigo a ter que voltar para a casa da mãe. (G1, 21/05/2017).

Beatriz Pagliarini Bagagli, pesquisadora na Unicamp e blogueira, se indigna com a história de Bruna e chama a atenção para a violência da internação compulsória e da ideia perigosa de que se possam encaminhar pessoas trans para um tratamento, “uma cura”, no caso das terapias de “reversão”, ou para o processo de assimilação, o “gatekeeping” médico sobre a “verdadeira sexualidade”. Em nota, Beatriz explica que “gatekeeping” se refere a “práticas medidas de controle sobre os corpos e identidades trans, que determinam o acesso a cuidados médicos, assim como ao laudo.” (TAB Transadvocate Brasil, 19/05/2017)

A Rede Trans, fundada em 2009, é uma rede nacional que apura os números da violência e morte transfóbica. Esses números servem de subsídio para a ONG Transgender Europe. A Rede Trans acaba de lançar um questionário, a ser respondido on line, com o objetivo de quantificar e conhecer melhor a população trans brasileira.

Dados confiáveis servem ainda como documentos na cobrança de políticas públicas de prevenção e proteção à população, além de permitirem medidas de saúde e educação mais

eficazes. O registro das mortes provoca o choque de realidade necessário para que medidas urgentes sejam tomadas. Os crimes motivados por transfobia são minimizados ou registrados por motivos diversos. É comum que sejam contabilizados como morte de homossexuais. Homens trans assassinados são contabilizados como de gênero feminino, agravando ainda mais a condição de invisibilidade de travestis. Todos os esforços possíveis para a união de diversos especialistas e profissionais de diferentes áreas são necessários para que se reduza imediatamente o número assustador de mortes cruéis, motivadas pelo ódio. Travestis, aos pedaços, representam o fracasso de todos no respeito à diferença.

4.2 Crueldade no Mundo e no Brasil

Raina Aliev, aos 25 anos foi esquartejada na Rússia. Após cirurgia de redesignação em Moscou casou-se. Seu pai sentiu-se “traído” e em uma rede de televisão concordou que sua morte era necessária. A Rússia criminaliza LGBTs e nada fez para defendê-la.

Cris faz parte do estudo divulgado pelo Grupo Gay da Bahia. Travesti morta no dia 15 de março de 2016, marca, mais ou menos, o início da coleta desses tristes dados elencados nesse trabalho.

Tiffany Rodrigues de 23 anos, travesti morta em Cuiabá, fazia curso de cabeleireira. Foi torturada, queimada com cigarro e levou pauladas na cabeça. Foi enforcada na segunda tentativa de homicídio em um mesmo ano, em 2016, e foi notícia do G1 em 12/08/2016.

Natylla Mota, 21 anos, em 2 de outubro de 2016, após ser ridicularizada em uma festa por um casal cis, e após ter se defendido de ataques verbais, foi agredida na saída do local, a socos e a pontapés, culminados com sete facadas. Diz a notícia estarrecedora, contada por Neto Lucon, jornalista, autor do livro reportagem Por um Lugar ao Sol, em seu blog NLucon, que, enquanto agonizava continuava a ser estapeada e agredida verbalmente por seus algozes. Seu sofrimento, registrado e repercutido através de um vídeo escabroso, registra ainda o atraso e descaso em seu atendimento. Natylla, que é do sul da Bahia, escapou com vida de toda essa brutalidade.

Day Azevedo, homem trans de Caiacó, Rio Grande do Norte, foi morto com seis tiros e foi a sexta pessoa trans assassinada só no mês de novembro de 2016, relata Neto Lucon.

Era ainda novembro quando um vídeo publicado em notícia de Catraca Livre, que mostrava uma trans amarrada e agredida por um grupo de homens no Paquistão, invadia a internet.

Em janeiro de 2017, o G1 publica sobre o espancamento sofrido por uma mulher trans de 24 anos em Piracicaba. “É menino ou menina? ”, teria perguntado o agressor antes de partir para o ataque.

Paula Fernandes, 34 anos, morta a facadas no Amazonas em 20 de janeiro, foi vítima de um assassino, que após o feito, foi vangloriar-se e beber em um bar, contando para todo mundo o que acabara de fazer (notícia no site amazonas notícia no mesmo dia).

Em fevereiro de 2017, Hérika Izidoro foi lançada de um viaduto na Avenida José bastos em Fortaleza e não sobreviveu. (CNews, 22/02/2017)

Fernanda, morta com um tiro na cabeça e outro no peito em Ponta Grossa, publicam o Massa News e o Agora Litoral em 10 de maio de 2017.

Na noite seguinte, outra travesti, dessa vez em São Vicente, no litoral de São Paulo, foi agredida e estuprada por um cliente, relata o Diário do Litoral (11/05/2017)

Ketlin, de 21 anos, esfaqueada até a morte em Juazeiro do Norte, anuncia o Diário do Nordeste no dia 15 de maio.

O que têm em comum todas essas histórias, além de revelarem o lado obscuro do ser humano? Em primeiro lugar, revelam o que não é revelado. Quantos são os casos de abuso que não são registrados? Quantas são as mortes que não contabilizam como assassinatos de pessoa LGBT? Quantas são elas, enterradas como eles e vice-versa, impedindo assim uma estatística mais capaz de comprovar o caos? Mesmo assim, o antropólogo Luiz Mott do site Quem a Homofobia Matou Hoje afirma que desde 1970, ano em que o registro de mortes começou a ser feito, ele nunca foi em tão alto número. Maria Eduarda do Grupo Pela Vidda afirma durante processo seletivo para trabalho na ONG lembra que não é raro que ao constatar o óbito, os profissionais não atentem para a identidade da vítima.

Muitas notícias encontram-se em sites de menor visibilidade. Foram realizadas buscas pela confirmação em jornais. A insensibilidade por parte da mídia é queixa recorrente. “O travesti” em vez de “A travesti”, o nome de registro sem nenhuma menção ao nome social, o

relato que alude a questionamentos morais sobre as vítimas e mascararam os fatos reais ferem a comunidade LGBT.

É lamentável que tão curta pesquisa, não pare de acumular dados execráveis bombardeados ritmadamente para compor os dados do ano corrente. No ano passado morreram 343 pessoas. Homens gays representaram 50% das mortes. Travestis, homens e mulheres trans somaram 144 vítimas. Lésbicas (10) bissexuais (4) e amantes, parentes e conhecidos de pessoas LGBT envolvidos em crimes completam o quadro vergonhoso do país que é top no número de assassinatos: Um morto a cada 25 horas.

4.3 Dandara

A morte da travesti Dandara, gravada em vídeo e espalhada por todo o país pela internet, escancarou o ódio, a intolerância e a transfobia no país. Dandara, durante algum tempo, teve vivência gay. Depois entendeu que era uma mulher trans. Maior de idade, começou a hormonização e escolheu seu nome social. Foram muitas as agressões sofridas antes daquela que causaria sua morte. Cearense, tentou a vida em São Paulo, mas, sem sucesso, voltou pra casa. Sua mãe teve dificuldade para chamá-la pelo nome feminino, mas a acolheu. Dandara tinha laços em família e com os vizinhos. Era respeitada. Durante o espancamento, podem-se ouvir xingamentos machistas e homofóbicos os mais cruéis. Quem está filmando anuncia: “Vão matar o viado”. Morta covardemente, chamava ela pela mãe, enquanto lhe desferiam chutes, pedradas e pauladas. A perversidade com a qual são assassinadas as pessoas trans no Brasil, muitas estupradas, é digna de pesquisa a parte. O que justificaria crimes bárbaros assim? Religiões extremistas? Fundamentalismo? Ineficiência de políticas públicas? Direitos humanos ridicularizados? Desejos doentios, e por isso, insuportáveis, por corpos tidos como exóticos ou enigmáticos?

Sayonara Nogueira da Rede Trans fala de como são assassinadas as travestis. Nunca um tiro, mas vários, com requinte de crueldade. Queimam a genitália, esfaqueiam, decepam, em um espetáculo de horror. E para completar, as autoridades não registram a morte como deveriam. Nada justifica tamanho descaso e tais crimes não podem nunca permanecer impunes.

5- AVANÇOS, CONQUISTAS, VISIBILIDADE.

5.1 Aceitação.

Apesar dos riscos de se dar crédito a informações contraditórias ou incipientes, estando-se imerso no boom do tema trans que acontece hoje, em comparação a um passado próximo da sociedade brasileira, pode-se afirmar que se avança sim, e muito, em visibilidade, em reflexão e debates sobre a condição da pessoa trans em sociedade e sobre a importância de um esforço nas áreas políticas, sociais e acadêmicas, para que a pessoa trans se insira nela se insira e não precise de permissão especial para fazê-lo.

Os avanços, que, para os profissionais dedicados a essa área de estudo e para os ativistas das causas trans, parecem ter sido parcos e lentíssimos, devida a exaustão da energia depreendida por eles ao longo dos anos, foram, sem sombra de dúvida consideráveis. Há meio século, a então chamada “mulher-homem” e os “homens efeminados” eram trancafiados, escondidos, ou, bem pior, exibidos no intuito de fazer rir. Inimigos de todos os seres humanos, o machismo, os rótulos, os estereótipos pesaram e continuam a pesar, mais sobre os ombros de homens e mulheres trans. A pesquisa sobre a pessoa trans torna-se cada dia menos árdua, no que diz respeito ao material de estudo. Os artigos são variados, a mídia fala de homens e mulheres trans e da criança trans em diferentes horários da TV e em diferentes seções de jornais populares ou não, e não mais apenas nas notícias sobre violência. Homens e mulheres trans estão ruas, nas escolas, nos teatros e assinam livros falando de suas experiências. Escolhem como vestir-se e colocar-se no mundo.

Entretanto, há obstáculos a serem enfrentados pelos pesquisadores. Ao apresentar seu tema na universidade, muitos perguntam se ele (ela) é gay! O mesmo acontece quando da visita a centros LGBTI. Por que faz pesquisa sobre a comunidade LGBT, se não é homossexual? Por que, se é cis, quer saber sobre transexualidade? Paradoxo claramente observado desde as primeiras palestras assistidas. Em mesas acadêmicas, palestrantes começam suas apresentações falando de um “lugar”. Seria necessário esclarecer se o palestrante é ou não homossexual, se é trans ou cis para ter seu discurso legitimado? Perguntar-se sobre a identidade e (ou) orientação

sexual do pesquisador não seria deixar em segundo plano seu desejo pelo objeto de estudo? Explica-se facilmente a escolha de um tema a partir do que se “é”?

Soubessem os pesquisadores quem são, ou o que são, estivessem eles satisfeitos com as respostas, não buscariam outras. Se os desejos se explicassem facilmente, seria fácil saber por que um tema é apaixonante para uns e não para outros. Por que um pesquisador se deixa emaranhar na busca de informações sobre um tema que, segundo um outro, nada tem a ver com a sua vida, com a sua realidade? Como o pesquisador faz laço? Como elege seu objeto de estudo? Esse olhar de estranhamento sobre o interesse pelo tema foi sentido repetidamente durante o todo o trabalho.

Barbara Aires, mulher trans e ativista, chama repetidas vezes a atenção sobre urgência da inclusão de pessoas trans em todas as relações com o mundo e principalmente, no mercado de trabalho, e em sua fala, como na fala da maioria das ativistas, o mundo de que citam é um mundo cis, um mundo heteronormativo. Barbara até fez um curso de cabeleireira pensando que seria mais fácil conseguir um emprego. Não logrou uma colocação em salão. Diz que para ser cabeleireira, a trans precisa *ser* dona de seu próprio espaço. Com a pretensão de poder dar voz a Barbara e a outras pessoas trans através do trabalho de pesquisa, o acadêmico não pode esmorecer quando encontra, ele também, dificuldade de inserção profissional/acadêmica e de participação em projetos das comunidades LGBT. Não será raro encontrar grupos que preferirão trabalhar com membros LGBT, cujo pertencimento é apreciado ou até mesmo, pré-requisito. Ainda assim, diante de um olhar também de estranhamento, tal dificuldade passa a ser interpretada, para o pesquisador, como um estímulo a mais. O mesmo vale para pessoas trans, que ao fazerem laço de qualidade, em família ou fora dela, fortaleceram-se e encararam os percalços como puro estímulo para continuar lutando.

A desconfiança natural de membros de populações sofridas e ignoradas, o cansaço de ativistas enfraquecidos pelas perdas de direitos e de vidas, não pode desencorajar o acadêmico que deseja e acredita poder somar na luta social e política e na sempre maior visibilidade das minorias e no respeito a elas.

É verdade que a repulsa, de quem não admite dividir o espaço físico com pessoas trans é escancarada. Um estudo da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO), por exemplo, revelou que 7,1% dos alunos afirmavam não querer estudar na sala de um travesti. Os 4,4% dos entrevistados disseram que não se sentiriam confortáveis ao lado de transexuais.

Nega-se a diferença e a inclusão e aumenta-se o estranhamento e a ignorância. Julga-se quem não se conhece para poder afastar, machucar e destruir. Pessoas trans são pessoas. Como tal devem ser respeitadas. Se muitas estão nas ruas para ganhar a vida, é principalmente por falta de oportunidades. Confundi-las, rotulá-las, pré-conceber conceitos é contradição absoluta para com o ideal de sociedade aberta. Usá-las ao bel prazer, e depois, ignorar sua existência, ou ainda, feri-las e tentar eliminá-las é selvageria.

Há uma grande lista de trans a serem citadas, não apenas por suas histórias tristes, mas por seus esforços e conquistas.

Liberdade de Gênero, o documentário da GNT que foi ao ar em 2016, é uma série de entrevistas feitas a vários trans.

Oliver se apresenta como trans não binário. “Eu não sou mulher. Eu também não sou homem. Eu sou eu!”

Os pais de Oliver falam de seus namoros, primeiro com meninas, depois com meninos. A mãe relata que, ao saber da notícia, reconheceu que não “dava conta da situação. Oliver se identifica com o pronome masculino, mas não é homem. Ele trabalha com crianças, diz que há uma que a chama de “babao”. Ele é menino, então não é babá; é babao.

A naturalidade das crianças para com as diferenças é pungente.

Os pais contam que, em um primeiro momento, sentiram-se como que em luto. “Onde estava a nossa filha?” - perguntavam-se. Mas não demoraram muito em perceber, os laços assim o permitiram, que ela sempre tinha estado lá: a mesma pessoa, corajosa em sua decisão e identificação. Carinhosa, idealista. Em um momento em que o filho não sabia quem ele era, os pais souberam respeitar que seus processos de identificação acontecessem e se modificassem, respeitando-o. Com as duas figuras parentais valorizadas, Oliver, que se sente desejado, constitui seu próprio desejo. Quer ser chamado de “ele”, mas não tem a intenção de mudar seu corpo, nem com cirurgias, nem com hormônios.

De classe média, podendo contar com o apoio da família, tem reduzidas as dificuldades de assumir-se como é.

No mesmo episódio, conhecemos Dani, uma professora afrodescendente. Já estava na universidade e se informava sobre os tratamentos que faziam na UFRJ: hormônio terapia e cirurgia de resignação.

Emociona-se ao falar da primeira consulta e da primeira dose de hormônio.

Afirma ser contra a patologização, mas que, para contar para a mãe e para a madrinha, as pessoas que mais ama, sobre o que estava acontecendo, para que a “continuassem amando”, era mais fácil apresentar sua transição como doença. Através de laudos, exames, medicação, as suas “referências femininas” aceitariam melhor a mudança. Enganou-se. A mãe reagiu com a clássica frase: “De hoje em diante você não tem mais mãe. ” Dani foi expulsa de casa.

A dor da rejeição não foi maior que a certeza de estar fazendo a coisa certa, o melhor a ser feito por ela mesma. “A realidade se impõe. ” _afirma. A separação da avó e da mãe, tardia, mas finalmente realizada a partir de um não, de um limite, a fortalece ainda mais em seu desejo. Dani estava liberta de sentimento de culpa, o que pode ser indício da presença de fortes laços. Tanto é que, aos poucos, a mãe foi entendendo sobre transgenitalização e sobre sua filha que, após a operação, se dizia “a mulher mais feliz do mundo. ” A mãe que antes perguntava “para que se mutilar? ”, percebe que não houve “mutilação”. Houve, ao contrário, um ganho, uma nova possibilidade, uma diminuição de sofrimento. A mãe admite e diz com orgulho: “Minha filha! ”

Dani, apesar da dificuldade para pagar os gastos com a operação (também seus alunos participaram de uma vaquinha para ajudar nos custos) fala emocionada, de um alívio permanente que experimenta agora em sua vida. Muito cruelmente, casos de cirurgias malsucedidas em trans ou em pessoas que já se designa ex-trans, passam a ser utilizados como exemplos negativos e pesam contra tantas outras possibilidades de realização e alívio para outros trans em não conformidade com suas genitálias.

Em outro episódio, este sobre casais, o documentário apresenta Anderson e Helena. Ele, homem trans, ela mulher trans. Ela nunca imaginou que um dia teria um filho. Tiveram um bebê por vias naturais. Anderson dá à luz um menino e o amamenta. Não estão mais juntos, anunciaria a mídia mais tarde. No documentário, os dois demonstravam parceria, equilíbrio, amor de pai e mãe. Confessavam temer pelo o que o filho pode ter que enfrentar, quando crescer, em relação preconceito para com seus pais, mas apostavam ainda na relação. A mãe espera que o filho nunca se decepcione com seus pais.

Elizabeth Roudinesco em seu livro *A família em Desordem* advertia sobre pais homoafetivos: “A família do futuro deve ser mais uma vez reinventada. ” (ROUDINESCO,

2003, p.380) Não só as famílias se reinventam constantemente, mas também as instituições, e principalmente aquelas responsáveis pelo equilíbrio e desequilíbrio advindo dessa “desordem”.

No outro casal, parte do mesmo episódio, está Barbara. Ela é talvez, a mulher trans mais presente, no momento, na luta pelas causas LGBTTI no estado do Rio de Janeiro. A todo evento que se vá, lá está ela, colhendo aplausos e arrancando lágrimas a cada fala. Em abril de 2017 esteve também no IBMR como convidada de Marcelle Esteves, vice-presidente do Grupo Arco-Íris, em palestra sobre a ONG com a qual a faculdade IMBR faz parceria, atuando através da oferta de estágios em apoio psicológico e aconselhamento pré e pós-teste de HIV. Universitária, ativista, hoje assessora parlamentar, foi também pesquisadora da série que a apresenta ao público brasileiro. Firme e carismática, luta por inserção social e profissional.

No documentário, Barbara aparece ao lado de seu companheiro Patrick, homem trans. Barbara apanhou do pai quando tinha apenas três anos, por causa de sua feminilidade. Ganhou as ruas na adolescência. Ela e Patrick se encontraram e se apaixonaram. A história de seu companheiro foi mais amena. Foi livre durante sua infância e adolescência, para escolher brincadeiras, amigos, roupas. Ele pôde contar com o apoio incondicional da mãe que diz, entre outras evidências da qualidade do laço com o filho: “Ele não gostava de ir a festinhas com aqueles vestidinhos.” E continua: “Se você pariu um filho, você tem que se parir todos os dias por ele.” Como filho, tem que ser aceito! É um ser.” A mãe e a avó apoiaram Patrick em sua cirurgia para a retirada das mamas. Ser homem trans para Patrick é ser livre. Quando perguntado pelo repórter o que é ser homem, Patrick responde: “Não sei. Sou homem trans.”

Barbara diz não saber qual de suas sobrancelhas tem uma falha. Levou um “bico”. Apanhou do pai, ainda muito pequena, por ser feminina. Era perseguida pelos colegas e abandonou a escola. Saiu de casa, andou pelas ruas, se prostituiu. Na adolescência, começa a tomar hormônios. É já uma mulher.

Patrick e Barbara ainda não consideram a faloplastia ou a vaginoplastia. Acostumam-se um ao corpo do outro e são capazes de proporcionar e receber prazer com os corpos que têm. Consideram a possibilidade de passar pelas cirurgias, mas não imediatamente. Estão se conhecendo e construindo uma relação de amor e parceria. A mãe de Patrick acredita que, por ele ter se sentido sempre homem e Barbara ter se sentido sempre mulher, os dois têm tudo para dar certo. Os dois reclamam da dificuldade para encontrar emprego, pela qual, passam todos os trans.

Laysa Machado, outra trans famosa, em seu canal no Youtube premiado pelo trabalho sobre diversidade sexual, o “Coisa da Laysa”, alerta para as cobranças, as mesmas feitas pela sociedade às mulheres, por exemplo, agora voltadas para a mulher trans. O dever de ser bonita, inteligente e sexy. O estranhamento ainda maior no caso de a mulher não ser mais jovem, ou a cobrança de comportamentos padronizados para as diferentes idades. Essas “armadilhas sociais limitantes” como diz Laysa, em entrevista a Neto Lucon, a levaram a criar um canal para falar de transexualidade, luta e dor.

Laysa, que passou pela transição na vida adulta, transmite suas experiências a meninos e meninas trans e se sente feliz e recompensada de poder fazê-lo. Ela é professora de história e dá palestras e investe na carreira de atriz. Os projetos contra a transfobia e em prol da cidadania dos quais participa são muitos.

“O amor me libertou” – diz Laysa, no vídeo *Sobre minha transição*. Foi quando se apaixonou que libertou completamente seu “ser mulher”. Alerta ainda, em outro vídeo, que o amor LGBT, quase sempre tem que estar escondido. Há exploração emocional e descarte, o que causa sérios danos psicológicos e impossibilidade de construção de novos laços.

Laysa prega a resistência à dor. Ridicularizada e desrespeitada também por pessoas da família, resistiu. Estudou, formou-se, trabalha e, principalmente, faz de sua visibilidade, alento para os que enfrentam os mesmos obstáculos que já enfrentou, além de conseguir, através de seu carisma e talento, ser ouvida pela população em geral.

Helena Maria de Sousa, aluna da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, confessa, em entrevista à RADIS (Revista de Comunicação e Saúde da Fundação Fio Cruz, de maio de 2016, em matéria de Bruno Dominguez): “Eu sempre achei que não me encaixava no meu corpo, mas não é fácil reconhecer que se é uma pessoa trans.” Helena compõe mesas acadêmicas sobre transexualidade e fala de sua experiência a partir de sua vida acadêmica. Ela expõe suas dificuldades, seu lugar de fala é legitimado, não só por ser da área biomédica, como também por ter passado pelo processo de redesignação. Conta como foi angustiante sua puberdade, já que as mudanças velozes em seu corpo contrariavam seus desejos e sua genitália e seus sonhos. “Eu sonhava todas as noites em me tornar uma garota (...) o tempo passou e isso ficou guardado em mim.” Helena não sabia a diferença entre ser gay e ser trans.

A peça Rio Diversidade que ficou em cartaz no Teatro SESI do Rio de Janeiro em 2016, indicada ao Prêmio Shell Inovação, era, a cada apresentação, precedida de um debate. Um

testemunho ouvido ali, talvez tenha sido o mais revelador durante todo o espaço de tempo que durou a coleta de dados e informação para esse trabalho. Uma trans contava sua trajetória. Ela, por causa de sua feminilidade, era chamada de “bichinha” quando pequena, e disse que “teve que resolver sua homofobia” para aceitar-se gay. Mais tarde, quando entende que sempre foi uma menina, “teve que resolver sua transfobia” para aceitar-se trans. O sujeito, construído pela fala, uma edificação sob o desejo e sob o olhar do Outro, transfere para si, o estranhamento do outro, estranhando-se a si mesmo.

Também Helena, quando conhece as histórias de outros transgêneros, “perfeitamente compatíveis com a sua”, ela se pergunta: “Eu seria transgênero? Não podia ser, eu não queria admitir! ”

Discriminações a parte, Helena conquistou sua vaga na universidade e se sente privilegiada. “Muito legal é ser quem você sempre quis ser.”

5.2 A Criança Trans

O que os pais podem fazer se percebem que seus filhos (suas filhas) não estão bem por não aceitarem ser chamados pelos nomes que os pais escolheram, se não aceitam vestir-se como os pais e a sociedade esperam que se vista, se um menino diz ser menina e uma menina diz ser menino? A primeira coisa a não fazer é se desesperar. As crianças pequenas experimentam tudo ao seu redor e testam tudo também, das palavras aos sentimentos que endereçamos a ela. Se o comportamento perdura, o melhor a fazer é informar-se. Conversar com outros pais que tenham passado pela mesma situação, procurar um especialista, ler sobre o assunto, todas essas ações ajudam, mas, mais importante ainda, é escutar a criança. Observá-la em suas escolhas e atitudes e estar preparado para responder a perguntas com doçura e firmeza necessárias. Apoiar a criança em suas decisões sobre como se vestir, com que brinquedos se divertir, que atividades praticar é fundamental. Nenhuma atitude pode ser tomada sem que haja cuidadosa observação e muita escuta. As crianças expressarão o gênero em diferentes maneiras. Poderá estar passando apenas por uma fase de descobertas. Será a combinação de fatores em uma mesma criança que indicará a necessidade de um especialista no caso.

Há muitos grupos e organizações que se ocupam da causa trans. Informam, acolhem, afagam. Algumas oferecem apoio psicológico, outras, jurídico. Buscar um grupo é sempre

importante, e, em alguns casos, urgente e decisivo. A visibilidade trans é recente, mas ganha o mundo. A criança ou adolescente, ou porque envergonha os responsáveis, ou porque os pais têm medo de expor a criança, não pode ter medo de sair às ruas e tentar conviver com os outros. Não há porque isolá-las. Ao contrário, precisam, o quanto antes, conhecer crianças com as mesmas características, o que as ajuda a não se sentirem culpadas por quererem ser como são. As crianças trans não precisam se esconder do mundo, mas precisam começar cedo a encará-lo como ele é: um mundo de pessoas que podem ser bem duras para com as particularidades de cada um.

Aceitar que um filho é diferente da pessoa imaginada e desejada, ainda no ventre da mãe, é experiência pela qual passam todos os pais. Deixar os filhos livres, permitir que decidam sobre si mesmos é um grande desafio. Permitir que decidam sobre seus nomes e pronomes lhes garante autoconfiança, com a qual, a difícil trajetória começará e tornar-se um pouco menos assustadora. Se à criança for oferecida a possibilidade de crescer sentindo-se amada e apoiada, ela estará no caminho certo para se desenvolver e tornar-se um adulto independente, produtivo e forte emocionalmente.

Quando a criança é fruto do desejo do casal, quando sua família vive em um ambiente de sentimentos e trocas sólidos o bastante, ela constrói sobre a base desse amor, seu projeto de vida. É o amor incondicional a saída para os problemas de qualquer criança. Para a criança trans não poderia ser diferente

Todos os pais de pessoas trans que participam de entrevistas ou documentários afirmam ter precisado de um tempo. Um tempo para despedirem-se de seus sonhos e idealizações, um tempo para começarem a agir e ajudar. Precisam acostumar-se com os novos pronomes e nomes, os novos looks, precisam, muitas vezes, deixar de lado o desejo de um neto, precisam habituar-se a novos corpos, roupas, hábitos. Os pais precisam mudar também. Muitas vezes, temem pelos filhos, pela violência e pelo preconceito, que sabem que seus rebentos terão que enfrentar. Várias outras decisões podem ter que ser tomadas, algumas pessoas da família ou amigos poderão se afastar ou podem tornar-se inconvenientes. A vizinhança pode ficar insuportável, alguns colegas de escola podem virar verdadeiros algozes. O que pode ser feito para minimizar traumas e tornar a vida do filho trans, da filha trans, a mais satisfatória possível? Cada família toma a sua própria decisão sobre o novo caminho a ser percorrido. A que causa menores danos a todos os seus membros é a que aposta na aceitação, confiança e afeto, os ingredientes necessários para encarar adversidades, cobranças e estranhamentos.

Stephanie Brill e Rachel Pepper assinam o livro *A Criança Transgênero*, endereçado a famílias de profissionais. Publicado em 2008 por Cleis Press Inc. nos Estados Unidos. Em entrevista sobre sua obra, Stephanie explica que usa o termo transgênero para se referir a uma experiência de gênero muito específica, ou seja, a alguém que possui um sentido interno de gênero considerado pelo outro como oposto ao sexo designado no nascimento. Essa definição, acrescenta, ajuda a esclarecer os próximos passos a serem tomados em relação à criança. É transgênero apenas a criança que considera a transição de gênero. Ela chama a atenção para o fato de que a maioria dos jovens que não se identificam com um gênero não é transgênero e não consideram tratamentos ou intervenções.

Os autores pontuam sobre os cuidados a serem observados com tratamentos precoces em crianças trans. No entanto, apontam ainda para o alívio de muitos adolescentes que, apoiados pela família, começam tratamentos hormonais e conseguem bloquear o desenvolvimento de um corpo que não desejam possuir. Cuidados médicos para com a saúde física e mental são também esses cuidados para com a identidade de gênero.

5.3- Educação

O Projeto Educando para a Diversidade: Uma Questão de Direitos, organizado por Débora Bispo de França e Rosária de Souza Rabelo com foco no combate à homofobia e vistas à promoção de “uma educação para a sexualidade pautada na afetividade e respeito às diferenças” (Rabelo, 2012), volta-se para o público de escolas da rede pública e de ensino fundamental. Observadas as confusões e curiosidades, assim como no desconhecimento e na desinformação, os envolvidos no projeto começam a trabalhar com suas crianças e adolescentes, temas como preconceito, orientação sexual. O preconceito heterossexista que provoca a supressão dos direitos de cidadania de pessoas não hetero precisava comprovadamente, na escola, ser amenizado, como única forma de combate à cultura homofóbica. O preconceito silencia e contribui para a invisibilidade de jovens homossexuais, travestis e transexuais. Discriminados e vítimas de agressões e xingamentos, e em alguns casos, com a participação das figuras que deveria defendê-los (professores, inspetores, diretores, pais de alunos), os alunos se calam, tentam mudanças de comportamento, ou sucumbem e acabam abandonando a escola.

Como retorno das oficinas do projeto, as autoras apresentam algumas falas dos alunos. “Tem professor que diz que prefere ver o filho morto do que homossexual”. (A.T.B.S) (p.49). Como esperar que os alunos pensem e ajam em modo diferente, se os próprios profissionais da educação se sentem no direito de expressar seus preconceitos em sala de aula? Se há ainda profissionais que se propõem “consertar” orientação sexual e disso fala abertamente em frente das crianças, como esperar discernimento dos pequenos sem que lhe seja oferecida a chance do contraponto? “Para o diretor, na escola não desfila gays. Eu tenho um colega que é, até a avó dele não o apoia, disse que dava chumbino a ele” (A.M) (p.49). Quando podem falar sobre suas experiências e sobre suas relações, começam imediatamente a repensar crenças. “Na escola, não tinha, mas este ano tem uns cinco homossexuais. Já não se escondem como antes, porque se sentem seguros. “No início era motivo de chacota, mas tem melhorado. Eles vão fechar esse ano, vão fazer uma apresentação de transformismo. ” (R.A) (p.49). Respeitados, ocupam espaços e amadurecem, suportando melhor o que continuará a ser-lhes imposto fora dos muros escolares.

“A orientação sexual do indivíduo e sua identidade de gênero são direitos personalíssimos, tutelados pela Constituição Brasileira e protegidos pelos princípios da dignidade da pessoa humana. ” (Rebelo, 2012, p. 22). Se a família e o Estado se omitem, se a escola se nega a ser espaço para o debate, o sujeito encontra-se abandonado em sua unicidade. O projeto acredita na gradual transformação de pequenos grupos e na emancipação de suas crianças. Resgatando vínculos sociais e propondo espaço de formação, constrói conhecimento.

Jimena Furlani assina a obra Educação Sexual na Sala de Aula. Enquanto o governo brasileiro parece estar preocupado em discutir o sexo dos anjos, Jimena propõe saídas para as “teorias” do currículo escolar, tentando objetivar discussões sobre relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial, em uma publicação útil para o público em geral e, sobretudo para a prática de professores. Doutora em Educação, Furlani propõe “princípios” para uma educação sexual saudável nas escolas, com base no respeito às diferenças, educação essa, que obviamente, a despeito das ideias de “escola sem partido”, escola acrítica, escola “sem sexo”, precisa fazer parte de todo o currículo. Famílias homoafetivas, pais divorciados, novas formações de família, famílias de um só responsável, e outros modelos de família, com o foco na formação dos laços afetivos e na convivência mútua e seus benefícios para as crianças, devem ser temas de aula desde a Educação Infantil, assim como a identificação do próprio corpo ligado às noções de higiene, a conceitos de nudez e privacidade. Questionamentos sobre o

tratamento genérico, prioritariamente no masculino, autoerotismo e abuso sexual precisam deixar de ser tabu no ambiente escolar (FURLANI, 2011).

Ainda na área da educação, numerosos esforços se destacam. Nos desenhos infantis, a sexualidade conquista seu espaço. Apostando-se na formação da criança fora da bolha de proteção contra as informações sobre o mundo, ajudando-as a conhecer o outro enquanto crescem, refletindo quotidianamente sobre o valor da conversa e da discussão com seres humanos em desenvolvimento, permite-se que, assim como outros alvos de preconceito, a população LGBT se torne, nas novas gerações, pessoas como outras quaisquer. Esperar que as crianças cresçam para que sejam informadas sobre sua existência, é negar-lhes a possibilidade de conhecimento. O medo do desconhecido e a agressão contra o que se desconhece constroem as ações violentas do dia-a-dia em sociedade. A possibilidade de identificação com personagens de desenho, novelas ou filmes, liberta aquele que se sente isolado em suas peculiaridades. Sentir-se representada é o alento para todas as minorias que lutam por reconhecimento. Quanto maior a visibilidade, menor o sofrimento, e melhores as chances de diminuir o risco de ações violentas de pessoas ignorantes sobre as características de pessoas que lhe são menos comuns. Um robô sem gênero, uma história em quadrinhos, um livro infantil que aborde o tema nas mãos de crianças cis e trans farão, sem dúvida a diferença nas relações futuras.

Rebecca Sugar, criadora de *Steve Universe* constrói seus personagens e suas relações de afeto fazendo com que outras formas de amor possam ser sonhadas. Ela afirma em entrevista à Sociedade de Ilustradores: “Se você esperar para contar aos jovens LGBT que a maneira como eles se sentem importa, ou mesmo que são pessoas como as outras, daí já vai ser tarde demais”.

5.4 Visibilidade e mercado de trabalho

Na Olimpíada de 2016 representantes da comunidade trans foram convidadas a participar. Lea T, Fabíola Fontenelle e Maria Eduarda Menezes marcaram presença. A atleta Chris Mosier, homem trans, compete com outros homens nos Estados Unidos na equipe nacional de *duathlon*. Thomaz Oliveira e Diogo Almeida, homens trans, falam sobre temas da comunidade LGBT em seu canal no Youtube de nome *Cavalos Marinhos*. Assim como Luca, que se encontra em pleno processo de transição, e que, com seu canal *Transdiário*, responde a perguntas e mostra suas transformações físicas periodicamente. Bruna Gurgel Benevides, cearense, vice-presidenta do Grupo *Transdiversidade* de Niterói recebeu o Prêmio Leolinda

Daltro da Comissão de Defesa da Mulher da ALERJ em ocasião das comemorações pelo dia internacional da mulher no ano passado. Bruna promove a cidadania LGBT e capacitou agentes de saúde para que pudessem acolher melhor as pessoas trans nos postos de saúde e em clínicas da família. Valentina Sampaio, outra cearense, tornou-se a primeira mulher trans embaixadora da L'Óreal Paris e é modelo de sucesso. Pâmela Volpy, vereadora eleita na cidade de Uberlândia, apesar dos ataques transfóbicos, luta pela população LGBT, pelas mulheres, pelos negros.

Essas e muitas outras histórias bem-sucedidas encontram-se na página de Neto Lucon. Ele é um jornalista defensor a causa trans. Há mais de 10 anos dá voz a minorias. Tem o jornalismo como ferramenta de transformação social. Ganhador de prêmios, reconhecido pela comunidade LGBT pelo seu utilíssimo trabalho, recentemente teve que fazer um pedido de financiamento coletivo para poder continuar a manter seu site.

Pelo mundo, pessoas trans conquistam espaços e obtêm o reconhecimento de seus direitos. Uma companhia na Tailândia tem uma tripulação transexual, noticia o jornal O Globo no dia 15/12/2011. A empresa, com o objetivo de se destacar das demais, apostou na tolerância e escolheu mulheres trans (bonitas e femininas) para compor a equipe. O artigo afirma que a Tailândia é “tolerante” com os transexuais.

No Brasil, a queixa sobre a falta de oportunidades no mundo do trabalho é constante. Há “nichos” que aceitam trans, afirma Ana Paula Benet em entrevista ao jornal Correio Brasiliense em matéria do dia 17/05/2016. Ela pode optar por aguentar as dificuldades do mercado de trabalho. Não era nunca julgada pelo currículo. Conseguiu vaga em um Call Center, e o preconceito e o isolamento foram notáveis.

Sabe-se que as empresas brasileiras, mesmo que não se tenham dados oficiais, relutam em empregar pessoas trans. As dificuldades estão relacionadas à criação de um ambiente menos impregnado de preconceitos e menos rígidos em relação a modelos esperados. Nenhuma empresa brasileira participa do Fórum de Empresas e Direitos LGBT. Gays e lésbicas, ainda que enfrentem dificuldades e preconceitos, conseguem inserção. São as pessoas trans as mais ausentes. Ainda na mesma matéria do Correio Brasiliense Reinaldo Bulgarelli, secretário do Fórum que nos Estados unidos, na Europa e em países asiáticos a diversidade é explorada objetivando entender e atender melhor os clientes. Infelizmente, não é a realidade brasileira, que tende a abrir mão da inovação para preservar seu conservadorismo. Mesmo quando aceitam

um trans, as empresas os escondem em atividades realizadas longe do público. Muitos empresários alegam a não aceitação dos colegas, os possíveis desentendimentos com os clientes e a falta de consenso sobre o uso dos sanitários como barreiras intransponíveis para a admissão de funcionários trans. Nada que a formação de funcionários, um pequeno esforço do RH não resolvesse. Deixá-los fora do mercado de trabalho por puro preconceito é desumano, além da possibilidade de ser menos lucrativo. Na verdade, aqueles (aquelas) a quem é dada uma oportunidade, ou àqueles que conseguem um trabalho através de concurso público, mostram que eficiência e dedicação, desempenho e satisfação nada têm a ver com o gênero.

A Organização Internacional do Trabalho ressalta que incluir é proporcionar igualdade de formação de permanência e de ascensão. Não se trata apenas de tolerância. Trata-se de aceitação, confiança e ausência de preconceito.

Em Portugal havia duas propostas relativas às pessoas trans em debate promovido pelo Partido Socialista e do Bloco, visando a revisão da Lei de Identidade de Gênero que é de 2011. Uma delas seria a permissão da alteração do nome e do sexo de qualquer cidadão maior de 16 anos cujo nome não correspondesse às identidade e expressão de gênero. As intervenções cirúrgicas e tratamentos em bebês com características intersex seriam suspensas. As propostas visavam impedir a discriminação e adiar decisões importantes que passariam a ser tomadas pelo próprio adolescente. Em 6 de abril de 2017, o governo aprovou a proposta de lei da identidade de gênero e o Conselho de Ministros declarou que o objetivo é “tornar Portugal um país mais respeitador dos direitos humanos das pessoas transexuais e transgênero”. No Brasil, aguarda-se a decisão do Superior Tribunal de Justiça para a alteração no registro civil, sem que tenha sido realizada a cirurgia de redesignação. Até lá, tudo continuará a depender da arbitrariedade do juiz. Essa decisão do STJ, mesmo sem força de lei, abriria precedente importante nas decisões futuras de juiz para juiz.

A partir do momento em que se decide mudar o registro civil tendo a cirurgia como condição, o Estado passa, em contrapartida, a exigir a mutilação, cirurgia essa nem sempre desejada pela pessoa trans, ou postergada pelos mais diversos motivos. Não é a cirurgia que constrói a identidade.

No Congresso Nacional, o Projeto de Lei 5.002 de 2013, apresentado pelo deputado federal Jean Willys do Partido Psol, recebe o nome de João Nery em homenagem ao primeiro homem trans submetido à cirurgia no Brasil. João é psicólogo e autor de Viagem Solitária, livro

no qual conta suas experiências, alegrias e amarguras de sua trajetória. Se o projeto for aprovado, o processo de alteração de nome nos documentos não seria mais realizado judicialmente, mas em cartório. Pela proposta, o Sistema Único de Saúde e os planos de saúde seriam obrigados a custear tratamentos hormonais e cirurgias de mudança de sexo sem a exigência de um diagnóstico ou autorização judicial. Um menor, mesmo sem consentimento de seus responsáveis, poderia realizar a alteração do registro civil e fazer cirurgias. Os casamentos assim como a maternidade e a paternidade estariam preservados.

Ariela Diniz, após muitos anos de insistência, hoje é enfermeira no Hospital Nelson Solon de Farias e no NHC no Rio Grande do Norte. Ticiane Fernandes, modelo, Letícia Lanz, psicanalista, todas todas mulheres trans que, apesar das barreiras que tiveram que enfrentar, e, em alguns casos, graças à qualidade do laço que conseguiram estabelecer, conseguiram conquistar espaço profissional, mas que enfrentam, no dia-a-dia, maior desconfiança que seus colegas de trabalho cis. A falta de oportunidade é o ponto mais sensível a ser debatido com empresários, comerciantes e população em geral.

6- Considerações Finais:

A luta pela igualdade, respeito e conquista de espaços da população LGBT no Brasil, marcada por importantes conquistas, e, ao mesmo tempo, por uma violência desumana que já ocupa o primeiro lugar no planeta, evidencia a importância dos estudos e pesquisas sobre a população LGBT como um todo e de um olhar específico e cuidadoso sobre cada um de seus membros. As pessoas trans, vítimas da ignorância e do preconceito, precisam urgentemente de escuta e de maior visibilidade, para que possam alcançar seus objetivos mais básicos, e possam participar de uma sociedade mais humana. Precisam ainda, serem ouvidos e respeitados (as) em sua unicidade, como *sujeito desejante*. Algumas histórias de vida e percursos de pessoas trans, seus sofrimentos e vitórias, seus laces e desenlaces, documentados aqui proporcionam reflexão sobre a pessoa humana e se pretendem úteis para pessoas trans, pessoas cis e para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS:

- BARRIERE, Elodie. **L'inversion du sujet**. Paris: Editora Les Lettres Libres, 1986.
- BERUTTI, Elaine Borges. **Gays, Lésbicas, Transgenders**: O caminho do arco-íris na cultura americana., Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2010.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do Erotismo**: A feminilidade e as suas formas de suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTEL, PierreHenri. **La Métamorphose Impensable**: Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle. França: Gallimard, 2003.
- DURANTI, Ricardo. **Manual Diversidad Sexual**: Conceptos para pensar y trabajar em salud. Argentina, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo**. Nietzsche, Freud e Marx., São Paulo: Landy Editora, 2000.
- FREUD, Sigmond. **Introduction a La Psychanalyse**. Paris: Prismes, 1987.
- FREUD, Sigmond. **Trois Essais sur la théorie sexuelle**. Paris: Gallimard. 1987.
- FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula**: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- HEUZE, Stéphanie. **Changer Le corps?** Paris: La Musardine, 2000.
- JESUS, Jaqueline Gomes de e Colaboradores. **Transfeminismo**: Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014.
- LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J.B. **Vocabulaire de La Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- LESSA, Jô. **Eu Trans**: A Alça da Bolsa: relatos de um transexual. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2014.

- LINS, Daniel. Antoni Artaud, **O artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume 1999.
- MICHEL, Elizabeth e Plan, **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editora 1998.
- MILLER, Jacques-Alain. **Qui sont vos Psychanalystes?** Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- MURAT, Laure. **La Loi du Genre**: Une histoire culturelle du “troisième sexe”. França: Fayard, 2006.
- NERY, João W. **Viagem Solitária**: Memórias de um transexual trinta anos depois. Leya Editora LTDA. São Paulo, 2011.
- QUINET, Antonio e Jorge, Marco Antonio Coutinho (organizadores). **As Homossexualidades na Psicanálise**. São Paulo: Segmento Farma Editores, 2013.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SOLER, Colette. **O que faz laço?** São Paulo: Escuta, 2016.
- Vários autores. **O Livro de Ouro da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- Vários autores. Cardoso, Irene e Silveira, Paulo (organizadores). **Utopia e Mal-Estar na Cultura**: Perspectivas Psicanalíticas. São Paulo: Hucitec Editora, 1997.
- Vários Autores. **Refoulement**: Défenses et Interdits. Saint-Germain-du-Puy: Tchou, Editeur, 1999.
- Vários autores: **Les Psychoses**: la perte de la réalité. Paris: Tchou, 1985.
- WILLIAMSON, Lisa. **The Art of Being Normal**. David Fickling Books. Oxford, 2015.

Artigos:

Olson, Kristina R., Durwood, Lily, DeMeules, Madeleine, McLaughlin, Katie A. Mental Health or Transgender Children Who Are Supported in Their Identities. **American Academic Pediatrics News and Journals**. Illinois, p.1-7. fev. 2016.

Ambra, Pedro. A Psicanálise é Cisnormativa? Palavra, ética da fala e a questão do patológico. Revista **Periódicus**, Salvador. v.1, n.5, p. 104-112, 2016.
<https://lavrpalavra.com/2016/07/28/a-psicanalise-e-cisnormativa-palavra-politica-etica-da-fala-e-a-questao-do-patologico/> Último acesso: 20/06/2017.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo e RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Transexualidade, Psicose e Feminilidade Originária: entre psicanálise e teoria feminista. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Psicologia., **SciELO**, Versão On line: São Paulo, v.28, n.1, jan. / abr. 2017.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100072&lng=pt&tlng=pt

ALMEIDA, Guilherme e MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **SciELO**, Rio de Janeiro, n.14, aug. 2013.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200017. Último acesso: 24/06/2016.

HOTIMSKY, Armand. La fonction symbolique de la pilosité dans la transsexualité. **Institut de Sexologie**, Paris, p.13, 1997.
http://host.conseiljedi.com/~wolf/Divers/memoire_sexo_complet.pdf

Jornais, Revistas:

Comunicação e Saúde, No. 164, maio de 2016. Identidades Trans. Histórias em transição. Fundação Fiocruz, **Revista Radis**, Rio de Janeiro, n. 164, p. 18 – 23, mai. 2016.

Jornal do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, ano XVII, n. 112. Mar.2016.

BRUNETTO, Andrea e outros. A Criança e o Laço Social. **Revista Marraio**, Rio de Janeiro, n.0, p.11 – 49, set.2000. STRAUSS, Marc (trad. Vera Pollo), MAGALHÃES, Sonia C., BESSA, Graciela.

Vídeos:

<https://www.youtube.com/watch?v=-niyBo3hDpA>

<https://www.youtube.com/watch?v=ONZxpcT3jkM>

www.hrc.org/video/mons-for-transgender-equality

Web Sites:

Agora Litoral. **Travesti morta com um tiro no peito.**

<http://agoralitoral.com.br/parana/travesti-morta-com-tiro-no-peito/>. Último acesso: 12/06/2017.

BBC Brasil. **'Meu filho vivia sendo humilhado': caso Dandara expõe tragédia de viver e morrer travesti no Brasil.** <http://www..bbc.com/portuguese/brasil-39227148?SThisFB>.

Último acesso: 24/06/2017.

Dezanove. **Escolas vão usar o nome que as crianças e adolescentes trans preferirem.**

<http://dezanove.pt/escolas-vao-usar-o-nome-que-as-criancas-1041358>. Último acesso: 24/06/2017.

Diário do Litoral. **Travesti é agredida e estuprada em São Vicente.**

<http://www.diariodolitoral.com.br/policia/travesti-e-agredida-e-estuprada-em-sao-vicente/99042/>. Último acesso: 24/06/2017.

Diário do Nordeste. **Travesti é morta a facadas.**

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/travesti-e-morta-a-facadas-caso-e-investigado-pela-policia-civil-1.1754132>. Último acesso: 21/06/2017.

EBC Agência Brasil. **Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais.** <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>. Último acesso: 24/06/2017.

Emiliano Zapata. **Transfobia mata e esse preconceito só aumenta.**

www.emilianozapata.com.br. Último acesso: 20/06/2017.

Fortification for times ahead. **Transgender identity & Inclusion Webinar and Resources.** <https://www.standingonthesideoflove.org/transgender-identity-inclusion-webinar/>. Último acesso: 24/06/2017.

Human Rights Campaign. Transgender Children & Youth: Understanding the Basics

Idem. **Quem era Dandara dos Santos, a travesti que mostrou a cara da transfobia no Brasil ao mundo.** <http://www.nlucon.com/2017/03/quem-era-dandara-dos-santos-travesti.html>. Último acesso: 24/06/2017.

Idem: **Como é feita a polêmica cirurgia de 'aumento do pênis', que ganha popularidade no mundo.** <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36503438>. Último acesso: 24/06/2017.

Independent. **Transgender man gives birth after falling pregnant during transition.** www.independent.co.uk/news/world/europe/transgender-iceland. Último acesso: 20/06/2017.

Mail Online News. **Oi, Bruce, get your d*** out': Caitlyn Jenner 'suffers vile transphobic abuse' as she leaves an LGBT awards show in London.**

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-4503056/Man-shouts-Bruce-d-Caitlyn-Jenner.html>.

Último acesso: 24/06/2017.

NLucon. **Pesquisa diz que crianças trans reconhecem seu gênero na mesma época que as cis.** <http://www.nlucon.com/2016/03/pesquisa-revela-que-criancas-trans.html>. Último acesso: 24/06/2017.

O Globo, G1. **“Era cheia de sonhos” diz a mãe de travesti assassinada em cidade de MT.** <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/era-cheia-de-sonhos-diz-mae-de-travesti-assassinada-em-cidade-de-mt.html>. Último acesso: 24/06/2007.

O Globo. **Garoto pode perder parte do intestino após ser machucado com mangueira.** <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2017/02/garoto-pode-perder-parte-do-intestino-apos-ser-machucado-com-mangueira.html>. Último acesso: 21/06/2017.

O Globo. **Transexual internada a força, deixa clínica e é levada a abrigo por ter medo da mãe.** <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/transexual-internada-a-forca-deixa-clinica-e-e-levada-a-abrigo-por-ter-medo-da-mae.ghtml>. Último acesso: 21/06/2017.

Quem a Homotransfobia matou hoje? Morre jovem que teve a mangueira de ar enfiada no ânus por colegas de trabalho.

<https://homofobiamata.wordpress.com/2017/02/14/adolescente-17-anos-ms-campo-grande/>.

Último acesso: 24/06/2017.

The Denver Post. **Boulder transgender girl, parents learn to ‘let it go’.**

www.denverpost.com/2015/07/18/boulder-transgender-girl. Último acesso: 24/06/2017.

Transrespect Versus Transphobia. **Actualización TMM TDoV 2017**. Nota de Prensa.

<https://www.transrespect.org/es/tdov-2017-tmm-update/>. Último acesso: 24/06/2017.

Unitarium Universalist Association. **Sexual Orientation & Gender Identity 101**.

<http://www.uua.org/lgbtq/identity>. Último acesso: 24/06/2017.

UOL. **Primeira boneca transgênero é lançada em feira de brinquedos.**

<http://virgula.uol.com.br/comportamento/primeira-boneca-transgenero-e-lancada-em-feira-de-brinquedos/>. Último acesso: 24/06/2017.